

Revista **Brasil
Mulher**

Ano XXV - Abr/Mai/Jun de 2013

*Congresso da UNE decide
mobilizações contra os Leilões do
petróleo do Pré-Sal.*

*CMB nas manifestações por mudanças
na política econômica JÁ!*



Mais Médicos SIM!

Mais SUS e investimentos na saúde!



**Parto Humanizado: Respeito à mulher!
Proteção à gestante e combate à
mortalidade materna no Brasil!**

Lei nº11.634/07 garante:

O direito à gestante atendida pelo SUS de conhecer e vincular-se a uma maternidade antes do parto saber em qual unidade de saúde será atendida em caso de emergência pré natal.

Lei nº11.108/05 garante:


O direito à gestante atendida pelo SUS de escolher alguém de sua confiança para estar presente na sala de parto e durante o pós parto.


Mulher faça valer os seus direitos!


Organize a Associação de Mulheres em sua cidade!


**Rumo ao IV Congresso da
Confederação das Mulheres do Brasil!
Abril 2014!!!**

Contato:

 (11) 5084-0774 / 2841-2185

 presidenciacmb@terra.com.br

 confederacaodasmulheres.blogspot.com.br

 www.facebook.com/confederacaodasmulheres.brasil



Confederação das Mulheres do Brasil

Filiadas à Federação Democrática Internacional de Mulheres



Federações de Mulheres Estaduais

Associação de Mulheres Municipais



**Organização
Pan-Americana
da Saúde**

Entidade Regional para as Américas da
Organização Mundial da Saúde

Proteger o povo dos banqueiros! Queremos a política econômica que escolhemos nas eleições.

Superávit Primário rouba dinheiro das creches e escolas das crianças brasileiras

A Presidenta Dilma tem perguntado de onde tirar dinheiro para atender as reivindicações populares. Entra ano e sai ano e os números demonstram que é preciso, é urgente, é vital dizer não aos bancos. As ruas tem clamado pela mudança da política econômica Já! Não temos porque aceitar a atual meta do superávit primário. É preciso tirar dos banqueiros e proteger o povo, a maioria que tem recebido migalhas para necessidades inadiáveis.

De janeiro de 2011 a abril de 2013, os gastos com Educação e Saúde foram R\$ 278,5 bilhões. No mesmo período, os bancos receberam R\$ 1 trilhão entre juros e amortizações.

É urgente parar de gastar o que é público com o privado. O dinheiro é nosso!

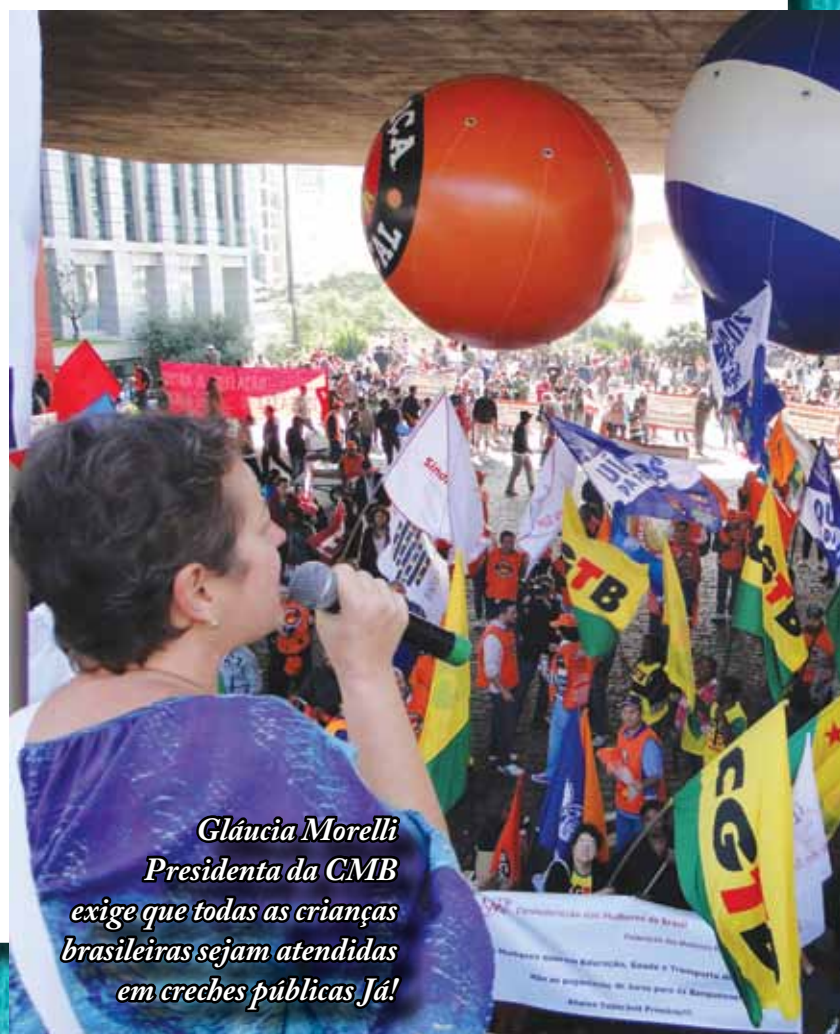
É urgente gastar certo e a prioridade do dinheiro público é a aplicação no povo, no público. Não nos banqueiros, no privado. Gastar certo é devolver a confiança depositada pelo povo. Porque as mulheres tem que esperar até 2020 para ter apenas 50% das crianças brasileiras atendidas em creches e escolas de educação infantil e os banqueiros que já ganharam tanto não podem ter seus ganhos reduzidos? Porque devemos abrir mão de necessidades muito básicas enquanto os banqueiros se fartam com nosso dinheiro?

Só retomando os investimentos públicos poderemos ter decência nos serviços públicos e crescimento econômico respeitável. Temos dinheiro, temos riquezas e, nas últimas eleições, foi realizado um pacto social que permanecerá sólido para 2014 se a política fis-

cal “sólida de atendimento aos banqueiros” for superada. Pacto de responsabilidade fiscal que atropela a garantia de educação, saúde e transporte de qualidade para todos fazendo do dia a dia da grande maioria dos eleitores um sádico pesadelo é, além de tudo, deterioração do patrimônio eleitoral afinal a quantidade de banqueiros é bem menor que a quantidade de eleitores. Sagrado é o pacto com o povo!

Temos dinheiro, temos riquezas e permaneceremos unidos crescendo nossa força se o pacto social que fizemos nas eleições, em defesa do patrimônio público, em especial do petróleo do pré-sal que descobrimos for respeitado e os Leilões dessa imensa riqueza forem suspensos. Não ao Leilão do petróleo do campo de Libra!

Confederação das Mulheres do Brasil



*Gláucia Morelli
Presidenta da CMB
exige que todas as crianças
brasileiras sejam atendidas
em creches públicas Já!*

05 *Guerreiras do Programa Bolsa família: por emprego e mais direitos as mulheres enfrentam pobreza, discriminação e falta de creches*

Medicina que é medicina não tem fronteiras, cor ou classe social! **20**

Leilão é Privatização! **11**

26 *Direitos fundamentais das mulheres*

14 *Estudantes elegem mais investimentos em educação e defesa do petróleo como luta central no próximo período*

As mulheres conquistam a música **36**

Coordenadoria da Mulher de Guarulhos apoiando as mulheres para a conquista do emprego **19**

“Luta contra as guerras imperialistas e crises econômicas mobiliza as mulheres em todo o mundo“ **41**



EXPEDIENTE

Revista Brasil Mulher é uma publicação da Confederação das Mulheres do Brasil.

revistabrasilmulhercmb@gmail.com

Rua Rio Grande, 873 – Vila Mariana – CEP 04018-003 - São Paulo – SP – Brasil – Tel (55 11) 2841.2185 e 5084.0774.

Presidente: Gláucia de Fátima Barban Morelli.

Editora: Priscila Casale.

Jornalista Responsável: Karina Sampaio

Equipe de redação: Fátima Monteiro e Rosângela Zanon

Colaboração: Rosanita Campos, Ana Maria Rodrigues, Ilda Fiore, Márcia Campos, Denise Teijeiro, Eliane Souza, Maria de Fátima Zanon do Rego Monteiro, Monica Nadal Pimenta, Lidia Correa, Janaína Deitos e Leny Campello.

Arte: Estúdio BR - producao@estudiobr.net - (11) 2495.7202

Guerreiras do Programa Bolsa família: por emprego e mais direitos as mulheres enfrentam pobreza, discriminação e falta de creches

ARQUIVOCMB/FMP

A pesquisa foi patrocinada pela **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres** por iniciativa da própria CMB e constatou: a mulher brasileira luta e derrota as enormes dificuldades que a pobreza, a desigualdade e o preconceito impõem. Com o compromisso e apoio do Poder Público e organização das mulheres em suas entidades as dificuldades são superadas e novos horizontes são conquistados pelas mulheres levando benefícios para toda a família.

Entrevistas junto a 1.500 alunas de 4 estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pará) onde foram realizados os cursos profissionalizantes e cruzamento de dados realizados pelo Ministério do Trabalho junto ao CAGED com os números de NIS (inscrição das mulheres no programa Bolsa Família) constataram a empregabilidade com carteira assinada de 40 a mais de 60 % das alunas. A média supera a exigência de 30% de Empregabilidade prevista no convênio assinado pela CMB.

Mais de 5.107 mulheres de seis cidades do país participaram e se formaram a partir do programa, que além do Ministério do Trabalho, contou com a parceria das Federações estaduais de mulheres, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, do Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Casa Civil, e diversas empresas, entidades e parceiros das cidades participantes.

Atendendo com exclusividade as mulheres de baixa renda – beneficiárias do programa Bolsa Família, do Governo Federal - que buscavam uma oportunidade de qualificação para aumentar as chances de conseguir um emprego tornando-se independentes com condições de sustentar a família, de participar desta luta diária pelo futuro dos filhos com ou sem companheiro, o curso de Turismo visou a qualificação de mulheres para a Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. Foram 3.266 formandas nas cidades de Salvador (BA), Belém (PA) e Rio de Janeiro (RJ), que puderam direcionar sua capacitação nas áreas de cozinheiras, camareiras, padeiras, garçonetes, recepcionistas, agentes de portaria, barwomen, auxiliares operacionais de agência e turismo.

Já na Construção Civil, uma das áreas que mais crescem e demandam profissionais no nosso país, as mulheres não perderam a vez. Foram 1.841 qualificadas nas cidades de São Paulo, Caieiras e Santos – todas no estado de São Paulo, que puderam escolher entre capacitação em pedreira/azulejista, pedreira/pintora, pedreira/gesseira e eletricitista/encanadora.

Os cursos foram ministrados em período matutino, vespertino ou noturno, e além das aulas práticas e teóricas, as alunas puderam contar com palestras sobre Direitos da Mulher e Cidadania, Empreendedorismo; Direitos Trabalhistas e ao Trabalho; História das lutas da mulher no Bra-

Mais de 50% das alunas estão trabalhando com carteira assinada!

O Instituto de Pesquisas – Online, do RGS realizou pesquisa junto às alunas mobilizadas pela Confederação das Mulheres do Brasil (CMB) para a realização do programa Próximo Passo, que profissionalizou mais de 5 mil mulheres nas áreas de Turismo e Construção Civil. A finalidade da pesquisa foi aferir o índice de Empregabilidade conquistado pelas mulheres do programa Bolsa Família. O convênio foi realizado pela CMB com o Ministério do Trabalho através de Edital de Chamada Pública entre 2009 e 2011.



ARQUIVOCMB/FMP

Aula prática em Santos/SP



ARQUIVOCMB/FMBA

Aula prática/Cozinha em turma de Salvador



ARQUIVOCMB/FMBA

Em pé à esq Adeïdes, professora e ao fundo Vanilda, coordenadora do Curso de Turismo em Salvador em aula com turma

sil e no mundo; Literatura em prosa e versos, com textos e poesias sobre a presença da mulher e sua luta por mais direitos e oportunidades; Mulher, Trabalho e Desenvolvimento Econômico – importância para a conquista do emprego e enfrentamento da violência; reforço e complementaridade escolar em português e matemática.

Falta de creches e escolas públicas mais a luta pela sobrevivência foram dificuldades enfrentadas com organização e solidariedade

Do Seminário Mulher, Emprego e Desenvolvimento Social, realizado em março 2013 pela CMB em parceria com a SPM - para avaliar os resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Online saiu a síntese que traçou o perfil dessas mulheres, sua satisfação com o programa e a inserção no mercado depois das aulas.

Entre as maiores dificuldades constatadas pelas lideranças, professoras e alunas foram a ausência ou total precariedade da rede pública em creches e escolas de educação infantil como também a falta de lazer e atividades culturais para os filhos já maiores após as aulas no ensino médio. A maioria das alunas possui filhos pequenos e estão nas enormes filas por uma vaga. As mães que conseguiram não contam com o funcionamento dessas estruturas no período de férias e mesmo em horários mais coerentes já que muitas creches fecham a partir de 16hs. Trabalhando principalmente como faxineiras ou ambulantes para garantir a comida a cada dia não tinham como atender todas essas demandas ficando sem condições de permanecer ou mesmo dar o passo de ir para a sala de aula.

O apoio e estímulo das diretoras das associações de mulheres, professoras, organizadoras de turmas e a solidariedade de parentes e vizinhos foi essencial para combater a evasão, rearticular horários de aulas e reposição. As visitas casa a casa e o envolvimento da comunidade garantiu saídas para problemas de saúde, de violência doméstica e violência causada pelo tráfico de drogas especialmente no Rio de Janeiro.

Sucesso para maior participação feminina é a organização coletiva

A insegurança quanto a garantia de oportunidades no mercado de trabalho foi enfrentada pela CMB cotidianamente chamando as alunas para a luta nas associações femininas locais e Federações de Mulheres estaduais para assegurar o **desenvolvimento e crescimento econômico do país** que seja capaz de manter a oferta de empregos levando às salas de aula e às comunidades a discussão sobre economia, participação política, luta sindical, direitos trabalhistas para a mulher, redução de jornada de trabalho, necessidade de estruturas como lavanderias e restaurantes públicos para que as mulheres possam participar mais de todas essas novas perspectivas. A maior integração desta força de luta das mulheres com os demais movimentos sociais especialmente as Centrais Sindicais e Sindicatos tem aumentado a percepção de toda a sociedade á respeito da determinação dessas guerreiras, mulheres beneficiárias do Bolsa Família, em ocupar seu espaço em todos os aspectos.

Os resultados a seguir consistem em uma derrota para os que alardeavam contra este programa de transferência de renda alegando que as pessoas não se mobilizariam para ir à luta principalmente a “grande” mídia sempre mobilizada para assegurar cada real de nosso orçamento para os cofres dos banqueiros.

PERFIL:

- Sexo Feminino;
- Média etária: 38 anos;
- a maioria completou o ensino médio
- maioria casada ou em união estável
- média de 2 a 3 filhos;
- maioria da classe C e D.

Idade média

A média etária das participantes ficou em 38 anos. 20,5% das alunas tinham até 29 anos, enquanto 22,7% possuíam de 30 a 35 anos, 18,6% de 36 a 40 anos, 21,2% de 41 a 47 anos, e 16,9% possuíam mais de 48 anos.

Escolaridade:

13,4% das mulheres possuíam o Ensino Fundamental Incompleto. Das que completaram essa etapa, são 25,7%. 14,8% cursaram, mas não completaram o Ensino Médio. A maioria, 43,3% completaram essa fase do ensino. Quanto ao ensino superior, 2,1% tinham este nível incompleto e 0,7%, completaram a graduação.

Estado Civil e Filhos

A maioria estava casada ou em união estável: 45,9%. As solteiras somaram 30,1% das alunas. A grande maioria das qualificadas tem filhos: 90,2%. A média é de 2 a 3 filhos para cada uma.

Inserção no mercado de trabalho

A pesquisa aponta que das turmas de 2010, 52,9% das alunas conseguiram emprego após o curso. O índice de 2011 foi de 56,3%; e de 2012, de 51,5%.

Destas, 59,5% delas conseguiram emprego na área de formação em 2010; 66% em 2011; e 62,1% em 2012.



Avaliação do curso

Grau de satisfação: 76,8%

Destaques:

- Estrutura metodológica;
- Professores;
- Infraestrutura Física;
- Informações Necessárias para o trabalho.

88,2% afirmaram ter recebido as informações necessárias para trabalhar. Sentiram-se preparadas para o mercado de trabalho após a conclusão da profissionalização 75% das alunas. 62,8% afirmaram que suas vidas mudaram para melhor após a participa-

ção no programa.

As aulas de direito da mulher foram consideradas muito importante por 88,9% das profissionalizadas. 76,2% dizem aplicar em seu dia-a-dia e trabalho o que aprendeu.

Médias de satisfação

A afirmação de que os professores esclareceram todas as dúvidas teve concordância de 82,68% das alunas. 81,92% concordam que as apostilas foram muito úteis. 80% aprovaram as instalações físicas; e 71,7% consideraram as aulas práticas muito importantes.

Média de alunas matriculadas que concluíram o curso

Construção Civil: 81%

Turismo: 87,6

Exemplos

Vencer preconceitos e conquistar a empregabilidade é um desafio superado com sucesso pelas mulheres participantes do projeto de profissionalização da CMB. É o caso de Helena Creusa do Nascimento, que até fazer o curso, era vendedora.

“Li um papel informando que teria inscrição para o curso na área da construção civil e que havia vagas para mulheres. Fiquei interessada e vi que seria uma boa oportunidade de ter uma profissão. Gostei tanto que fiz todas as modalidades para assim ter uma formação completa. No começo foi difícil conseguir um trabalho, mas ter um diploma na mão me fez ter confiança em mim. Aos poucos fui conquistando clientes que indicam outros e assim fui me tornando conhecida. Estou economizando para abrir minha própria empreiteira ano que vem”, declarou em sua formatura Helena, aluna de Construção Civil da Baixada Santista.

Profissionalização das mulheres na Casa de Custódia Oscar Stevenson

Em Benfica-RJ as mulheres da Casa de Custódia Oscar Stevenson participaram nos cursos de cozinheira e porteiro (a)/mensageira oferecidos pela Confederação das Mulheres do Brasil e Federação das Mulheres Fluminenses. Das 45 turmas com diversos cursos como cozinheiras, garçonetes, padeiras, mensageiras, receptionista e agente de viagens com certeza as duas turmas para as detentas foram especiais.

A qualificação profissional e o emprego, a educação, a saúde são direitos que a maioria de nossa população ainda luta muito para conseguir desfrutar. A falta de muitos deles abre espaço para erros que não podem ser motivo de discriminação. As 50 encarceradas que fazem parte do sistema penitenciário do RJ sentiram o apoio das entidades e agarraram a oportunidade de qualificação que poderá garantir a construção de uma nova vida após o cumprimento de suas penas.

E você, como muitos devem estar se perguntando, o Projeto PLANSEQ – Turismo é para o mercado de trabalho? Como encaminhar 50 mulheres para o tão sonhado emprego que estão na prisão?

Foi realizada somente matrículas com as que já estavam com o benefício do regime semi-aberto e que o tempo de duração do curso fosse compatível com a saída, assim elas poderiam ter a chance de voltar para o convívio social preparadas

para pleitear uma oportunidade no mercado de trabalho em especial área de Turismo e Gastronomia.

É de grande importância ressaltar a participação e respeito com as professoras em sala, os cuidados com matérias didáticas e atenção e participação nos debates revelando que são mulheres do povo críticas e indagadoras e principalmente com coragem e persistência para reconstruir um futuro melhor em passos largos!

É fato histórico a negação dos direitos da mulher em nosso país e no mundo, a luta, por direitos “básicos” é travada diariamente. Nossas alunas encarceradas demonstram a triste realidade de uma parcela esquecida e rejeitada por nossa sociedade.

Histórias são parecidas, filhas de famílias pobres, com escolaridade mínima ou muito insuficiente e como a maioria dos brasileiros, trabalham muito sem remuneração digna. Sonhando em futuro melhor acabam sendo cooptadas principalmente pelo tráfico de drogas e a prostituição e cometem diversos delitos.

Tenho a convicção de que ninguém nasce prostituta, ladra, usuária ou traficante de drogas. Nosso sistema é capitalista e excludente!

Reverter essa realidade é exigir o aumento de investimentos em educação e profissionalização e em creches. As mulheres são submetidas a trabalhos informais

desde a infância ou adolescência. A falta de escolaridade resulta em salários baixos e desiguais em até 30% mesmo em funções iguais a de homens o que aumenta a baixa estima. Rendimentos baixos e sem acesso a direitos para as mães aumenta a vida sem direitos para os filhos fragilizando e expondo ainda mais as mulheres e jovens a oferecimentos de saídas aparentemente fáceis e rápidas ou humilhantes como a prostituição. Criar estruturas públicas como creches, restaurantes e lavanderias que proporcionem a inclusão da mulher no trabalho é imperioso para proporcionar reais condições de participação para a mulher que está na grande base da pirâmide da desigualdade.

Acreditamos que a nossa organização e participação nas entidades, nos partidos políticos, nas ruas e em todos os locais onde as mulheres se encontram é essencial para mudar o atual destino de cada um e de todos para um promissor destino.

INVESTIR NAS MULHERES É INVESTIR NO CRESCIMENTO DO NOSSO PAÍS!!!

Sandra Alves

Pedagoga, pós-graduada em

Psicopedagogia

Diretora da CMB/Secretária geral FMF

Coordenou o Planseq Turismo - RJ

Dirigente estadual do PPL - Partido

Pátria Livre

Cleide Brito, é também mais uma nova profissional e declarou "Vestir esse uniforme é honrar preciosos exemplos de amor e luta como o de Maria Quitéria, heroína de nosso povo de sangue baiano".



Bombeiro (a) Civil

Nova profissão e maiores desafios!

No dia 28 de Abril de 2013 em Salvador/ Bahia aconteceu a formatura da 1ª Turma Feminina de Bombeiros Cíveis, formadas pela empresa Peace Treinamentos e Assessoria sob a coordenação do profissional Ricardo Nascimento.

Durante cinco meses aprendemos a profissão de Bombeira Civil que é regulamentada pela lei 11.901 assinada pelo ex- presidente Luís Inácio Lula da Silva em 12 de janeiro de 2009, sendo assim reconhecida.

Entre as bombeiras formadas encontra-se uma de nossas companheiras da Federação das Mulheres da Bahia e colaboradora da CMB, Rita do Carmo, liderança da luta da mulher baiana por mais direitos que declara empolgada, " A cada dia conquistamos mais espaço. Realizaremos nosso traba-

Liderança da Federação das Mulheres da Bahia e bombeiro (a) Rita do Carmo S. Santos



lho com a certeza de que esse é o começo de muitas outras conquistas. Precisamos de trabalhar em profissões mais valorizadas. Nossa turma sabe que está abrindo caminho para muitas outras companheiras que serão vitoriosas nessa profissão. Queremos é ter mais e maiores desafios. Sempre!”

O desejo de servir a população e salvar vidas é condição que aliada a condicionamento físico e equilíbrio emocional para lidar com as situações mais adversas são requisitos indispensáveis para quem pretende se tornar bombeiro (a).

O treinamento é intenso e prepara para aumentar o autocontrole; a capacidade de cumprir ordens e determinações; a capacidade de decisão; de lidar com a visão de sangue e de pessoas acidenta-

das; de lidar com situações adversas; de pensar e agir sob pressão; de trabalhar em equipe com coragem e disciplina. As mulheres precisam ter altura mínima de 1.60m e os homens 1.65m. Por ser uma profissão de risco, o mercado de trabalho está sempre aberto aos bons profissionais. No setor público, o bombeiro é selecionado por meio de concurso público. Já a quantidade de vagas varia de estado para estado, pois depende da visão dos governantes sobre a importância da segurança pública. As mulheres têm boas perspectivas, os contingentes femininos estão crescendo por toda parte. No setor privado, o profissional deve ter uma boa formação e será facilmente absorvido pelo mercado de trabalho.

Curiosidades:

- Então em 1856 surge o Corpo de Bombeiros da Corte (atual Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro).
- Em 1880 é criado, oficialmente, o Corpo de Bombeiros e em 1909 é criada a primeira legislação para a prevenção de incêndios.
- Em 1932 mulheres são empregadas no Corpo de Bombeiros.
- Em 1951 entra em funcionamento a primeira Escola de Bombeiros, e em 1979 o telefone 193 é inaugurado.
- Em 1990 é colocado em prática o serviço de resgate; em 1997 é lançado o Manual de Fundamentos dos Bombeiros.



À esq, Rita do Carmo Silva Santos; a colega de curso Andreia Brito; a coordenadora do CSU de Castelo Branco, Neremeire Vasconcellos; Jane Alves, da Federação das Mulheres da Bahia e Cleide Brito, colega de curso.



Conceição Cassano, secretária-geral da CMB e presidenta da FME durante Audiência Pública do leilão do Campo de Libra denunciou que a Lei da Partilha não está sendo respeitada.



CMB exige cancelamento da entrega do petróleo brasileiro **LEILÃO é PRIVATIZAÇÃO!**

Em 2010, durante debate da campanha eleitoral na TV Bandeirantes no dia 10/10, Dilma Rousseff, criticou seu adversário José Serra denunciando a intenção dos tucanos de privatizar o Pré - Sal. A candidata Dilma foi enfática: “...Quando eu cheguei na Petrobrás, na Presidência do Conselho, recebi um plano de expansão estratégica que previa a divisão da Petrobrás, ou seja, o seu esquiteamento. Partes da Petrobrás deveriam ser vendidas. Exemplo: a refinaria Duque de Caxias, lá no Rio de Janeiro, e a área de fertilizantes. Além disso, mudaram o nome da Petrobrás. Tiraram a única coisa que caracterizava o Brasil que é o ‘brás’. E mudaram para Petrobrax para ver se era palatável para o investidor privado” e...finalizou afirmando: “Eu considero que o Pré-sal é uma riqueza do povo brasileiro, para garantir que a gente combata a pobreza e crie educação de qualidade. Eles defendem a privatização do pré-sal, ou seja, que a exploração do pré-sal seja feita por quem? Pelas empresas privadas internacionais. Isso é grave porque o pré-sal é uma das riquezas mais importantes do país. Defender a privatização do pré-sal significa tirar dinheiro do país. Dinheiro que será usado para investir em educação de qualidade, em ciência e

tecnologia, em meio ambiente, em cultura, em saúde e fazer uma política em que o Brasil tenha um passaporte para o futuro”

Com a Petrobrás o lucro fica no Brasil

Milhões votaram em Dilma confiando neste posicionamento em garantir que a exploração dos campos de petróleo descobertos pela Petrobrás fosse realizada prioritariamente pela empresa brasileira garantindo que o lucro fique no Brasil para melhorar a vida do povo.

Queremos a suspensão do Leilão marcado para o dia 21 de outubro para exploração do petróleo do pré-sal do campo de Libra, maior campo de petróleo da América Latina, e, segundo vários especialistas, do mundo. A nova lei da partilha criada pelo presidente Lula, que rege o pré-sal, define que áreas estratégicas, como o Campo de Libra, deveriam ser exploradas unicamente pela PETROBRÁS (artigo 2º., inciso V da lei no. 12.351). Assim, segundo a lei, neste campo “a PETROBRÁS será contratada diretamente pela União para a exploração e produção de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos

sob o regime de partilha de produção” (artigo 12 da mesma lei).

Para nós, mulheres, a defesa do PRÉ-SAL e da PETROBRÁS, significa honrar a luta pelo monopólio estatal do petróleo e pela fundação da Petrobrás assegurando que as decisões do presente não joguem no lixo a chance de futuro digno para nossos filhos, jovens mulheres e homens, que poderão viver em prosperidade participando ativamente do Desenvolvimento Soberano que sonhamos para o Brasil.

Na Revista Brasil Mulher da CMB de 2008 afirmamos:

“A PETROBRÁS É A MÃE DA INDUSTRIALIZAÇÃO”.

A partir de 2003, o Governo Lula, iniciou um processo de fortalecimento da Petrobras que após conquistar a auto-suficiência em petróleo culminou com a descoberta do Pré - Sal. O esquiteamento de uma das 10 maiores empresas do mundo, a Petrobras, não só havia sido barrado como passamos ao desenvolvimento e implantação de políticas de conteúdo local no setor de petróleo e gás natural, com o objetivo de ampliar a participação da indústria nacional

no fornecimento de bens e serviços. A produção de navios, plataformas, sondas e tudo que envolve a exploração e produção na área do pré-sal gerou milhões de empregos e o PROGRAMA NACIONAL DE MOBILIZAÇÃO DA INDÚSTRIA NACIONAL DO PETRÓLEO (Prominp), foi criado prevendo a qualificação de mais de 212 mil pessoas em 185 categorias profissionais. Até o ano de 2012 mais de 88 mil jovens foram formados e queremos que não sejam explorados trabalhando em empresas multinacionais que, além de tudo, poluem nossas águas devido à incompetência em exploração de petróleo em águas profundas, como fez a multinacional norte-americana Chevron, multada em 200 milhões de reais pelos danos causados ao nosso meio ambiente. Multa que ainda não foi paga.

Sem contar que, os desafios do pré-sal trazem também uma grande oportunidade de mercado para o desenvolvimento de uma nova geração de tecnologias de produção de óleo e gás em alto-mar articulada com os principais pólos de excelência tecnológica da indústria de energia no mundo.

“Não queremos ver o Pré-sal acabar sem qualquer retorno para o povo brasileiro”

Fernando Siqueira, Vice-Presidente do Clube de Engenharia e também da AEPET – Associação dos Engenheiros da Petrobrás, esclarece: **“Se a PETROBRÁS for a produtora exclusiva como é previsto na lei de pe-**

tróleo 2004, a Petrobrás não remete o lucro para o exterior. Então, estancamos um grande fonte de preocupação do governo. Se a Petrobrás não remete o lucro não tem déficit em transação corrente. Pelo contrário, o petróleo que ela exporta traz dólar”. Diz ainda, **“Temos que fazer exatamente o inverso do que estão fazendo que é incentivar empresas estrangeiras para vir produzir no pré-sal, a empresa remete o lucro e gera mais buraco. Senão estancarmos essa sangria, essa bola de neve pernicioso, vamos ver o pré-sal se esvaír todo, sem qualquer retorno para o povo brasileiro. Isso é um crime de lesa-pátria. As empresas estrangeiras exploram e levam o lucro embora. Temos que estancar essa sangria que está se transformando em hemorragia!”.**

Segundo Paulo Metri, conselheiro do Clube de Engenharia, que escreveu sobre a espionagem dos EUA e o leilão do pré-sal: **“Com relação ao petróleo a questão é muito mais séria, uma vez que o Ministro das Comunicações Paulo Bernardo admitiu em 11 de julho, em depoimento no Senado, que “há a possibilidade de vazamento de informações estratégicas do governo brasileiro, como, por exemplo, dados sobre os leilões de exploração do petróleo do pré-sal”.** Afirmou Metri: **“Seria benéfico para a sociedade brasileira se o Ministério Público requeresse a suspensão do primeiro leilão com contrato de partilha, o do campo de Libra, localizado no pré-sal, que está marcado para outubro próximo.”**

O petróleo é utilizado em mais de 4.000 produtos necessários em nosso dia a dia.

O petróleo é motivo de guerras genocidas. É uma riqueza natural finita e necessária para a fabricação desde remédios a asfalto; desde meias a batons, tinturas para cabelo e produtos de limpeza; desde borracha sintética a giz de cera e painéis para captar energia solar, combustíveis, artigos esportivos.

Com a descoberta do petróleo do Pré-Sal o Brasil tornou-se um dos países mais ricos do mundo e com maior chance de libertar seu povo da pobreza, da falta de trabalho, da ausência de perspectiva. As brasileiras podem de fato acreditar que existe possibilidade de um futuro livre das desigualdades sociais que levam milhões de mulheres e homens ao desespero por não terem casa, comida, educação e saúde para assegurar o bem estar dos filhos que amam. Estamos dispostas à luta em todos os aspectos contra a agressividade e arrogância do império norte-americano e governos a ele subalternos que invadem países matando milhões de civis e assassinando seus presidentes para roubar essa riqueza. Utilizam espionagem de ligações telefônicas, internet e pressão da mídia com campanhas de desgaste contra governantes que estejam decididos a lutar pelo povo e avançar em conquistas para a maioria.

Estaremos sempre ao lado das lideranças políticas, empresariais, sin-

Gláucia, Pres. CMB e Lidia, vice-CMB, representando o Partido Pátria Livre na Av. Paulista com sindicalistas de todas as Centrais Sindicais na luta pela Pauta Trabalhista que inclui o Fim dos Leilões do Petróleo e Igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.



dicais, do movimento social somando em defesa do Brasil para os brasileiros (as) que nesse momento lutam pelo cancelamento imediato do LEILÃO DE LIBRA!

Um Brasil que garanta de fato a superação das discriminações gerando oportunidades para que nós mulheres possamos nos desenvolver enquanto cidadãs plenas, felizes e realizadas pela nossa capacidade sensível e criativa, contribuindo com o desenvolvimento e crescimento de nossa Nação!

Viva o Brasil, Viva as brasileiras,

Viva a Petrobrás!

Ninguém vai roubar o petróleo do PRÉ-SAL!

Confederação das Mulheres do Brasil

Para você obter maiores informações sobre o assunto:

O Pré - sal e sua exploração

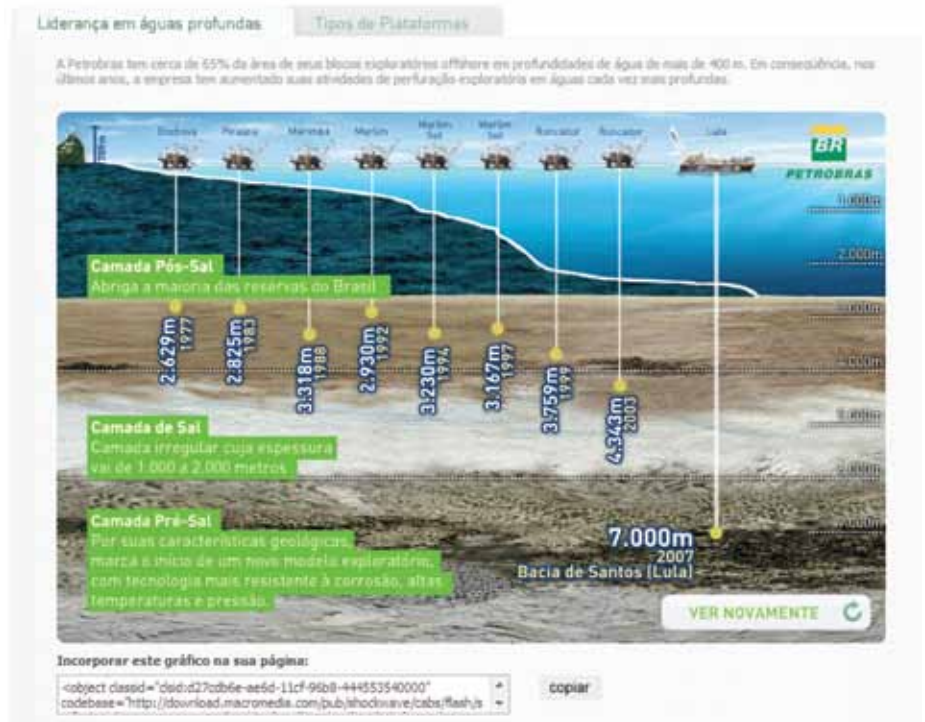
O termo pré-sal é utilizado porque, ao longo do tempo, rochas foram sendo depositadas antes da camada de sal. A profundidade total dessas rochas, que é a distância entre a superfície do mar e os reservatórios de petróleo abaixo da camada de sal, pode chegar a mais de 7 mil metros.

As maiores descobertas de petróleo, no Brasil, foram feitas pela Petrobras na camada pré-sal localizada entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, onde se encontram grandes volumes de óleo leve. Na Bacia de Santos, por exemplo, o óleo identificado no pré-sal tem uma densidade de 28,5° API, baixa acidez e baixo teor de enxofre. São características de um petróleo de alta qualidade e maior valor de mercado.” – (www.petrobras.com.br)



Conceição nas ruas do RJ com os dirigentes sindicais

Veja abaixo como a PETROBRÁS foi expandindo seu conhecimento e tecnologia para chegar a prospectar petróleo a 7.000m de profundidade, no ano de 2007.



QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DO PRÉ SAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA?

<http://www.petrobras.com.br/pt/energia-e-tecnologia/fontes-de-energia/petroleo/presal/>

Assista o vídeo produzido pelo Estúdio NJovem da Editora Abril, no link da PETROBRÁS abaixo, que demonstra com facilidade o que é essa riqueza do PRÉ SAL!

<http://www.petrobras.com.br/pt/energia-e-tecnologia/tecnologia-e-pesquisa/expandindo-os-limites/>

<http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/atividades/exploracao-producao-petroleo-gas/>



Estudantes elegem mais investimentos em educação e defesa do petróleo como luta central no próximo período

Congresso da União Nacional dos Estudantes elege nova diretoria que será responsável por lutar por investimentos dos royalties do petróleo e 10% do PIB em educação.

A capital goiana recebeu, entre os dias 29 e 02 de junho, o 53º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), atividade que reuniu mais de 10 mil estudantes das universidades brasileiras para definir as bandeiras do movimento estudantil do país para o próximo biênio.

Mulheres na UNE

O fórum também elegeu a nova diretoria da entidade que, com a responsabilidade de defender as propostas aprovadas na atividade, escolheu a pernambucana Virgínia Barros (Vic), para presidir a UNE.

Afirmando que “a juventude está viva e pronta para continuar suas lutas”, Vic que hoje é estudante de Letras da USP, encarou o desafio de presidir a entidade que tem 75 anos de história e cumpriu importante papel nas lutas do nosso país. Vic é a quinta mulher eleita para o cargo.

Além de Vic, mais uma mulher foi eleita para um dos cargos mais importantes da entidade: a secretaria-geral da UNE será ocu-



A presidente eleita
Virgínia Barros



Iara Cassano,
eleita
secretária-geral
e Vic.

pada pela estudante de Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), Iara Cassano.

Contra os leilões do petróleo

Logo de cara, as pautas debatidas e aprovadas no congresso já garantem às moças uma gestão de lutas em defesa da educação e do Brasil. A resolução do congresso, aprovada por unanimidade, prevê, entre as principais bandeiras do movimento estudantil para o próximo período, uma luta incessante contra os leilões do petróleo da camada de pré-sal, marcada para outubro.

“Honrando a história daqueles que lutaram pela democracia e soberania do nosso país convocamos a reedição da campanha “O Petróleo é Nosso! Contra os leilões!”, diz o texto aprovado.

A então secretária-geral da UNE, Michelle Bressan, ressaltou o papel da entidade nesta luta. “A UNE tem ao longo da sua história cumprido um papel importante nas lutas do nosso país. Em 1947 quando não se sabia se tinha petróleo ou não no Brasil, a UNE (presidida pelo estudante de direito da USP, Carlos Alberto Batista Jr) já tomava as ruas pela defesa do Petróleo é Nosso! E hoje, mais do que ninguém, nós temos a responsabilidade de barrar esse crime cometido contra a nossa soberania que são os leilões do petróleo marcados para outubro deste ano, em que se pretende leiloar este patrimônio do povo brasileiro. Um verdadeiro absurdo”, afirmou Michelle.

Para Iara, eleita secretária-geral, “a UNE tem o dever de apoiar os avanços e as mudanças, mas

também tem a responsabilidade de condenar os atrasos e os erros. Por isso, barrar os leilões do petróleo tem que ser a atividade central da UNE no próximo período”.

10% do PIB e royalties do petróleo para a educação pública já!

O 53º Congresso da UNE também decidiu mobilizar os estudantes em torno da luta por 10% do PIB (Produto Interno Bruto) para a educação.

“Enquanto houver a imensa defasagem na qualidade da educação pública do país, professores mal pagos, infraestrutura precária e outros desafios, não resolveremos problemas históricos do Brasil. É esse o compromisso da nova gestão da UNE” inadmissível que o Plano Nacional de Educação es-

Iara e Michelle Bressan, ex-secretária geral da entidade na manifestação por mais investimentos em educação e contra os leilões do petróleo durante o Congresso.



teja há mais de dois anos e meio no Congresso sem perspectiva de aprovação imediata”, explica a presidente eleita.

Um grande passo para essa conquista será a aprovação da lei que destina 50% dos royalties do petróleo da camada de pré-sal para a educação. O projeto, hoje em tramitação na Câmara dos Deputados, é um dos centros da luta da UNE.

“A luta pelo investimento do Pré-sal no desenvolvimento do Brasil em saúde, educação, ciência e tecnologia, infra-estrutura é uma luta dos estudantes. Nós somos a vanguarda, vamos honrar nossa história, a história da UNE e com toda ciência de que essa é uma responsabilidade nossa”, diz Iara.

Ela explica que a proposta

será um grande passo para repararmos uma injustiça contra os estudantes e a juventude brasileira, que é a ausência de uma educação pública, gratuita e de qualidade que corresponda com as necessidades do país.

UNE exige proibição de capital estrangeiro na educação

“A aprovação desse projeto representa para nós o gesto de comprometimento dos nossos governantes em reparar uma injustiça contra os estudantes e a juventude brasileira, dando a oportunidade que a gente precisa de enxergar, em um horizonte próximo, a Educação e o Brasil dos nossos sonhos, além da apropriação dos brasileiros da riqueza que representa o petróleo do pré-sal”.

A UNE também aprovou bandeiras de luta como a democratização do acesso à universidade; cotas raciais e sociais nas universidades estaduais; regulamentação do ensino privado e proibição de capital estrangeiro; não ao contingenciamento de verbas para pagamento da dívida pública; e mais investimentos em assistência estudantil.

As universitárias exigem mais direitos para a maternidade.

A continuidade dos estudos ou a possibilidade de ocupar mais e maiores espaços na carreira acadêmica e no mercado de trabalho cursando pós-graduação, mestrado e doutorado diminui muito devido à baixa oferta de creches durante os estudos.



Foto: UNE

Em Guarulhos investimentos na saúde da mulher tem resultados positivos



A saúde da mulher tem merecido atenção especial da Prefeitura de Guarulhos, com investimentos cada vez maiores para garantir a assistência desde o pré-natal, incluindo o planejamento familiar, o incentivo ao aleitamento materno e ao parto natural, até as ações de prevenção de doenças e a todas as formas de violência em todas as fases do ciclo vital. Vários programas que foram implantados nos últimos anos já começaram a dar resultados.

Um bom exemplo disso é a queda de 22,15% da mortalidade infantil entre 2000 e 2011. A conquista é fruto do trabalho de atenção ao parto, ao nascimento e ao puerpério (gestante e bebê) desenvolvido pela Secretaria de Saúde ao longo desse período e que hoje está inserido na Rede Cegonha, estratégia do Ministério da Saúde que garante às mulheres e às crianças uma assistência humanizada e de qualidade.

Para tanto, todas as Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade oferecem ações de saúde reprodutiva, consultas de pré-natal, assistência ao parto e acompanhamento do recém-nascido, lactantes e crianças. O objetivo é reduzir a mortalidade infantil e materna. Por isso, desenvolve ações para garantir o aleitamento materno exclusivo e tam-

bém para favorecer o parto natural, tendo em vista que a cesariana quadruplica o risco do recém-nascido ir para a UTI.

Nos últimos anos, essa assistência foi ampliada com o aumento do número de UBS; com a entrega da maternidade do Hospital Municipal Pimentas Bon-sucesso, evitando que as mulheres se desloquem para o outro lado da cidade para dar a luz e com a inauguração da UTI adulto na maternidade Jesus José e Maria. Além disso, também foi implantada a triagem auditiva neonatal nas maternidades públicas da cidade, o que permite a realização do teste para detecção de problemas auditivos em bebês.

Banco de Leite Humano

Único da Região do Alto Tietê, o Banco de Leite Humano (BLH) de Guarulhos completou, em junho passado, um ano de atendimento em sua nova sede, localizada na região central, ao lado do Fórum. Com a missão de incentivar o aleitamento exclusivo até os seis meses de idade, o BLH já salvou milhares de vidas com seu trabalho de coleta, pasteurização e distribuição de leite materno nas UTIs neonatais das maternidades públicas da cidade.

Considerado fundamental para a

recuperação dos bebês prematuros ou com graves problemas de saúde, o leite materno ajuda a fortalecer o sistema imunológico dos recém-nascidos. Graças ao trabalho de incentivo à amamentação, o Banco consegue coletar o leite excedente, atendendo em domicílio, com viatura climatizada, as mulheres do município e também de 11 cidades vizinhas: Arujá, Santa Isabel, Itaquaquetuba, Suzano, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Mairiporã, Biritiba Mirim, Saleópolis, Mogi das Cruzes e Guararema.

Depois de coletado, o produto é pasteurizado e passa por um controle rigoroso de qualidade no Banco de Leite para depois ser distribuído nas UTIs neonatais. Além desse trabalho, o Banco também oferece orientação e acompanhamento às mães com dificuldades para amamentar ou que tenham mastite, dores e rachaduras no peito.

Outras ações:

Atividade física nas UBS

As ações de promoção à saúde e prevenção às doenças ganharam um importante reforço na cidade, com o projeto de instalação das academias de saúde ao ar livre, que já funcionam em 14 endereços. Nesses espaços, a popula-

ção pode praticar atividade física, com o acompanhamento de equipe multidisciplinar, e ganhar mais qualidade de vida, com a adoção de hábitos saudáveis.

Os equipamentos já estão em operação em 14 Unidades Básicas de Saúde (UBS): Cabuçu, Flor da Montanha, São Rafael, Palmira, Jandaia, Ponte Alta, Vila Fátima, Jurema, Inocoop, Cavadas, Soberana, Uirapuru, Jacy e Cemeg da rua Dona Antonia.

As atividades físicas oferecidas pelas unidades de saúde contam com o apoio dos chamados Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf) e Núcleos de Apoio à Atenção Básica (Naab). Ao todo são 22 equipes compostas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento, como psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, nutricionistas, educadores físicos e terapeutas ocupacionais, que oferecem apoio às UBS, para melhorar a qualidade e a resolutividade do tratamento de seus pacientes.

Prevenção do câncer de mama e colo de útero

Pelo Programa de Prevenção do Câncer de Mama e do Colo do Útero, todas as UBS oferecem coleta de Papanicolaou (para diagnóstico do câncer do colo do útero), exames e orientações sobre o autocuidado com a mama.

Cuidando da hipertensão e da diabetes

O Programa de Hipertensão e Diabetes oferece assistência médica e acompanhamento com psicólogos e nu-



tricionistas, para a prevenção, diagnóstico e tratamento buscando a reabilitação do doente com prática de atividade física e aulas de alimentação saudável.

Pré-natal, parto, acompanhamento do bebê e assistência à saúde reprodutiva

A Assistência Materno-Infantil oferece planejamento familiar com orientação e oferta de anticoncepcionais e outros métodos contraceptivos, além de consultas de pré-natal, parto e acompanhamento do recém-nascido, lactantes e crianças.

Terapia Comunitária

A terapia comunitária consiste no encontro de pessoas para que conheçam melhor a si e à comunidade em que vivem, e juntos busquem alternativas para lidar com os problemas do cotidiano. A pessoa interessada pode se informar na UBS mais perto de sua residência.

Prevenção das DSTs, HIV-Aids e hepatites

As UBS também disponibilizam exames para a detecção do HIV e a sorologia para diagnóstico das Hepatites A, B e C. Além disso, fazem a entrega de preservativos, bem como oferecem auxílio de equipe treinada para dar todo tipo de orientação sobre o assunto.

Prevenção das violências contra a mulher

A Secretaria da Saúde atenta e sensível a essa questão vem assumindo

lugar de destaque no enfrentamento à violência, com ações articuladas com as demais secretarias municipais e coordenadorias, no âmbito do Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.

As ações de atenção à saúde são acessíveis a toda população e cada etapa do atendimento está assegurada, incluindo-se as medidas de emergência, o acompanhamento e tratamento dos eventuais impactos da violência sexual sobre a saúde física e mental da mulher.

Em Guarulhos há nove Unidades de Referência, que funcionam 24 horas por dia, para realizar o primeiro atendimento às vítimas de violência sexual, casos estes em que o agravo ocorreu no prazo de até 72 horas. Tais unidades de saúde têm como atribuição garantir o acolhimento humanizado, realizar escuta qualificada, colher exames, garantir a anticoncepção de emergência hormonal, profilaxias DST/HIV e Hepatites. Cabem a elas também realizar a Notificação Compulsória da suspeita ou confirmação de violências e acionar os órgãos competentes.

Todas as Unidades Básicas de Saúde são referências para o acompanhamento multiprofissional das vítimas de violência sexual, garantindo o acolhimento humanizado, avaliação clínica e ginecológica, acompanhamento sorológico e laboratorial, tratamento sintomático, bem como para articular e acionar a Rede Intersetorial, garantindo o cuidado e a proteção integral das vítimas de violência.





Prefeito Sebastião Almeida e Coordenadora da Mulher, Maria Helena Gonçalves.

Coordenadoria da Mulher de Guarulhos apoiando as mulheres para a conquista do emprego

A violência contra as mulheres exige ações imediatas e urgentes não só das autoridades públicas e policiais, mas de todos os setores de nossa sociedade. É inadmissível que, em pleno século XXI, ainda nos deparemos com casos que, inclusive, colocam vidas indefesas em riscos. Não existe argumento para defender quem quer que seja o agressor nesse tipo de situação.

Assim, temos a responsabilidade de estimular cada vez mais o desenvolvimento de políticas públicas para buscar o equilíbrio entre mulheres e homens. A implantação de uma Coordenadoria de Defesa da Mulher foi o primeiro passo que demos em Guarulhos para envolver a sociedade em torno desse debate e vamos avançar ainda mais na elaboração de propostas para o problema nos próximos anos.

Infelizmente, e isso é preciso ser dito de maneira bem clara, estamos longe de superar a desigualdade entre homens e mulheres em nossa sociedade. Essas diferenças são visíveis no mer-

cado de trabalho e nas relações sociais e, embora seja bem menores do que no passado, e por isso mesmo necessitam da atenção redobrada de todos nós.

Se quisermos construir uma sociedade mais justa e igualitária, precisamos enfrentar a violência contra as mulheres com coragem, por meio de iniciativas que garantam o acesso a direitos nas mais variadas dimensões da vida social e que, acima de tudo, resultem em mudanças dos padrões culturais vigentes.

Em nossa administração, a Coordenadoria da Mulher trabalha questões relativas à prevenção, à assistência e à garantia dos direitos da mulher em diferentes campos. Além disso, desenvolve medidas para melhorar a saúde da mulher e ainda apoiá-la em ações de empreendedorismo que geram emprego, renda e formação profissional.

Executamos uma série de iniciativas voltadas às mulheres que mais necessitam do apoio do Poder Público, seja pelo atendimento especializado à mulher vítima de violência, e nas áreas de

educação, cultura, esporte e lazer. Sem dúvida, todo esse trabalho oferece atualmente ferramentas importantes que auxiliam a romper o ciclo da violência contra o sexo feminino.

As ações da Prefeitura incluem a construção dos CEUs (Centro de Educação Unificados), das Estações de Tratamento de esgoto, creches, escolas, academias populares, UPAs 24 horas e UBSs, além da implantação do Bilhete Único, uma medida que trouxe economia aos usuários e melhorias no sistema de transporte. Outra novidade foi o “Guia da Mulher”, uma importante ferramenta de comunicação com as guarulhenses e que apresenta todas os serviços oferecidos pela Prefeitura atualmente.

O compromisso de nossa administração será manter o bem-estar de todos, visando o combate a qualquer tipo de discriminação. Seja ela contra mulher ou contra qualquer cidadão indefeso.

Por Sebastião Almeida - Prefeito de Guarulhos

Medicina que é medicina não tem fronteiras, cor ou classe social!

Mais médicos SIM! Mais SUS!

A Confederação de Mulheres do Brasil apóia o Programa Mais Médicos recém criado pela MP 621 e apresentado pela Presidente Dilma. É reconhecimento de que a Saúde no Brasil está na Emergência.

Não suportamos mais a atual situação e estaremos acompanhando a implantação do programa

Mais Médicos que garantirá médicos (as) para os municípios do interior e para as periferias das grandes cidades. É preciso aumentar a oferta de mão-de-obra e o importante é SALVAR as vidas de nossos filhos, pais, mães, companheiros, amigos, parentes. A primeira condição para um atendimento ter qualidade é acontecer quando e onde é necessário. Não existe HUMANIZAÇÃO da saúde sem essa prioridade básica assegurada.

A situação é crítica:

Mais de 700 cidades não tem sequer um único médico em trabalho permanente. 22 estados estão abaixo da média nacional, sendo que cinco têm menos de um médico para cada grupo de mil habitantes. Em 1.900 cidades, a proporção é menor que um

médico para cada três mil pessoas. Mesmo os estados de média mais elevada sofrem com desníveis regionais, marcados pela concentração nos grandes centros urbanos e carência nas periferias.

Saúde não é mercadoria e o SUS não pode se tornar um Sistema complementar aos Planos Privados de Saúde.

Saudamos que o Programa tenha a finalidade de formar recursos humanos na área médica para o Sistema Único de Saúde (SUS) tornando obrigatório o atendimento básico de saúde pelo Sistema Único de Saúde (SUS) por dois anos para os estudantes de universidades públicas e também para os estudantes de universidades privadas.

L u t a m o s muito para conquistar o SUS na Constituição de 1988 e lu-



taremos sempre para que o SUS seja fortalecido e se torne DE FATO o Sistema Único de Saúde a atender nossa população. É garantir a universalidade, a integridade e a gratuidade. É garantir DIGNIDADE! Em outros países os investimentos públicos em Saúde pública alcançam até mais que 80% se comparados com os investimentos em sistemas privados que devem ser complementares. É ainda muito pouco o aumento dos investimentos para a infra-estrutura de saúde, num total de 15 bilhões de reais até 2014. É preciso muito mais e ainda mais rápido. É possível

e para isso continuaremos a luta para INVERTER a aplicação dos recursos públicos deixando de pagar banqueiros e seus gananciosos juros.

O povo brasileiro precisa de acolhimento, defesa e proteção!

É urgente levar médicos brasileiros e estrangeiros a municípios que tenham média inferior à nacional de 1,8 médicos por grupo de mil habitantes. Os médicos formados em outros países só serão chamados a ocupar os postos não preenchidos pelos brasileiros e precisarão ter conhe-

cimentos de Língua Portuguesa. Os municípios oferecerão moradia e alimentação dos médicos, além de ter de acessar recursos do Ministério da Saúde para construção, reforma e ampliação das unidades básicas.

CMB apoiou o Programa Mais Médicos desde seu lançamento: Confederação das Mulheres do Brasil e Federações Estaduais de Mulheres do RGS, SC, PR, SP, RJ, MG, BA, MGS, RGN, CE, PE, S E, DF e entorno, GO, PA e representações em RR, RO, AM, AC, PI, MT, ES.

Medicina de família em Cuba é referência mundial.



"Vale mais la vida de un ser humano que todo el oro del hombre más rico del mundo."

Je



INSPIRAR É CHEGAR AONDE NINGUÉM CHEGOU ANTES.

Realizar um sonho, superar desafios, criar um novo caminho. Hidelene Lobato Bahia venceu muitas barreiras até se tornar a primeira mulher comandante da Marinha Mercante do Brasil. Essa é a nossa gente. É ela que nos inspira a ir cada vez mais longe.

Tão importante quanto construir novos navios e plataformas no Brasil é inspirar histórias como essa.

Compartilhe inspiração.

petrobras.com.br/meinspira

#meinspira

Gente. É o que inspira a gente.



*Saiba mais
sobre essa e
outras histórias.*

Baixe um leitor de QR Code em seu celular e fotografe esse código.



heads.

BR **PETROBRAS** 60anos

Ministério de
Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

o desafio é a nossa energia

Sintetel tem sua primeira vice-presidente

Cristiane do Nascimento é a primeira mulher eleita para o segundo cargo mais importante do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações do Estado de São Paulo

Nascida em São Paulo, Cristiane do Nascimento foi admitida na Telesp em 1993 por meio de concurso público e se tornou sócia do Sindicato no primeiro dia de trabalho. “Minha pretensão era fazer carreira na Telesp e por conta disso fiz graduação em Administração de Empresas” conta.

Depois de se tornar delegada sindical, cresceu dentro do Sintetel como consequência do trabalho apresentado. Assumiu em agosto de 2013 a vice-presidência da entidade. Atualmente, cursa Ciências do Trabalho na Faculdade do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Revista Brasil Mulher: Como você conheceu e se envolveu com o movimento sindical?

Cristiane do Nascimento: Percebi que tinha grande dificuldade de obter informação sobre a categoria. Certo dia apareceu o Sindicato e comecei a reclamar que vivíamos em completo isolamento. Após este episódio, fui convidada para ser delegada sindical. Aconteceu por acaso, não fazia parte dos meus planos. Entrei com o objetivo de ficar bem informada para repassar aos meus colegas de trabalho. Em 10 anos fui de delegada sindical para a diretoria executiva.

RBM: Como foi para você esse período de trabalho como diretora do Sindicato?

CN: Foi de muito aprendizado. Quando se está na base não se tem ideia do trabalho que é ser um dirigente sindical. São informações que vêm de todos os lados. Eu aprendi muito com meus companheiros e, principalmente, com os trabalhadores. Conteí com muito apoio no início do meu aprendizado.

Na medida em que eu participava das atividades sindicais, mais eu me interessava pelo assunto. Fiz diversos cursos de formação, sendo o principal o Programa de Capacitação para Dirigentes e Assessores. O PCDA é muito intenso. São 45 dias reclusos e dedicados aos estudos. São três módulos de 15 dias com intervalo de 15 dias. Em três meses, você passa metade do mês no curso e metade do mês fora. Eu aprendi muito do ponto de vista teórico. A discussão sobre reestruturação produtiva e outros temas eram muito interessantes.

RBM: Quais são seus planos e perspectivas para o novo mandato?

CN: Temos que aumentar a participação das mulheres e de jovens no Sindicato. Um dos desafios é o de reorganizar os trabalhadores de nossa base, sindicalizá-los e trazê-los para mais próximos do Sindicato. Além disso, queremos colocar representantes nas grandes empresas nas quais ainda não temos.

Além disso, nosso grande desafio é no setor de teleatendimento, pois a rotatividade é muito alta. Isso dificulta a organização da base. Temos que fazer um trabalho contínuo de formação para que tenhamos um grupo preparado para a atuação nas empresas.

RBM: Na nova gestão, temos duas mulheres na diretoria executiva da entidade, você acredita que o sexo feminino chegou para ficar nas maiores instâncias administrativas do país?

CN: Com toda certeza. O grande exemplo vem da nossa presidenta da República, além disso, o Brasil possui várias ministras e mulheres ocupando altos cargos no setor público e privado. A mulher se preparou para isso e tem plena capacidade. No meu caso, estou me preparando há anos. Mas o preparo é contínuo. Atualmente curso a graduação de Ciências do Trabalho no Dieese, curso superior que será de grande importância para minha atuação. E também conto muito com o apoio dos meus companheiros mais experientes.

RBM: Você pensa em fazer algum trabalho específico voltado para as mulheres?

CN: Acho muito importante formar as mulheres por meio de cursos e palestras sobre a questão de gênero. A mulher precisa ser qualificada para levar essa discussão para o ambiente de trabalho.



Cristina Nascimento

Assim, traremos para o Sindicato mais mulheres, que às vezes acham que aqui não é o espaço delas.

RBM: A categoria de telecomunicações é muita diversificada. Como aproximar as diferenças e unificar o setor?

CN: Os problemas nas áreas de teleatendimento, operadora e prestadora muitas vezes são semelhantes. Nosso desafio é trazer o trabalhador para o Sindicato, ter representantes em todas as empresas para que os problemas cheguem mais rápidos a nós. Assim, conseguiremos resolvê-los dentro das empresas.

RBM: Como você vê o Sintetel inserido no contexto sindical brasileiro e mundial?

CN: O Sintetel é muito respeitado mundialmente por conta das ações que toma. Muitas ações são admiradas no mundo, como o fato de ter acordos ou convenções coletivas em todas as empresas. O acesso que nós temos no teleatendimento também é muito admirado, assim como nossa capacidade de resolver os problemas por meio da negociação.

Crédito das fotos: Dario de Freitas

Gonçala Cruvinel foi um exemplo de mulher no movimento sindical

“Lugar de mulher não é na cozinha, é no Sindicato”

Com esta manchete, o jornal do Sintetel anunciou, em 1986, a entrada da primeira mulher na diretoria executiva. Sem saber, Gonçala Aparecida Cruvinel escrevia o seu nome na história da entidade.

Gonçala nasceu em São Paulo, em 15 de novembro de 1945, no bairro da Pompéia. Foi na própria cidade natal que a futura sindicalista começou a sua trajetória de lutas. “Fiz Letras na USP, mas como trabalhava na Telesp desde janeiro de 1967, nunca exerci a profissão. Estudei na Universidade de São Paulo em uma época que os estudantes lutavam contra a ditadura”, conta.

Em paralelo aos estudos, Gonçala concretizou a sua entrada no Partido dos Trabalhadores. “Comecei a freqüentar os núcleos de formação do PT e fui aos primeiros comícios do presidente Lula no ABC. Os diretórios do partido começavam a se formar, e eu entrei para o núcleo sindicalista”, acrescenta.

Militância

Como membro do PT, Gonçala passou a chamar os trabalhadores da Telesp para fazer oposição à diretoria do Sindicato que ocupava o poder há quase 20 anos. “Em 1981, concorri às eleições sindicais na oposição com um grupo formado na empresa. Perdemos para a chapa liderada pelo Geraldo de Vilhena Cardoso [presidente do Sintetel de 1981 a 1987]. Mesmo assim não desisti. Em 1982, ingressei no quadro de delegados sindicais”, diz.

No ano de 1984 aconteceram novas eleições sindicais, e Gonçala foi chamada por Geraldo de Vilhena para compor a chapa. “Como estava no grupo da oposi-



Militância na greve ocorrida nos anos 90 pela reposição das diferenças salariais em decorrência da aplicação dos índices da URP (Unidade de Referência de Preço)

ção, conversei com nossos líderes e disse que havia sido convidada para participar das eleições pela situação. Eles autorizaram a minha ida, pois não tínhamos força para montar uma nova chapa”, relembra.

Mulheres conquistam espaço

Em meados dos anos 80, o Sintetel criou o Departamento Feminino que, posteriormente, foi elevado à Secretaria da Mulher na gestão de Osvaldo Rossato [presidente do Sindicato de 1987 a 1997]. Ainda em sua gestão, o Dia Internacional da Mulher ganhou uma comemoração oficial na entidade. “A Gonçala foi o alicerce para a mulher dentro do sindicato, ela foi a nossa protagonista”, conta o dirigente sindical.

Assim como na Diretoria Executiva, quando assumiu o cargo de diretora-secretária, Gonçala foi pioneira na direção do novo espaço. “Quando entrei no movimento sindical, tratava-se de um lugar predominantemente masculino, e a mulher tinha medo de participar, pois achava que era coisa de homem. Foi extremamente difícil, mas tivemos que ensinar às mulheres a lutarem e conquistarem seus direitos”, conta.

Em 1986, a dirigente sindical foi convidada por Joaquinção [Joaquim dos Santos Andrade, presidente da CGT na

época] a fazer parte da Central Geral dos Trabalhadores. Na CGT, Gonçala ajudou na organização das mulheres com a criação do Departamento Feminino e, posteriormente, da Secretaria da Mulher.

Ainda em 1986, Gonçala compôs a comissão organizadora do 1º Congresso da Mulher Trabalhadora da CGT, que foi realizado em São Paulo. Participaram cerca de quatro mil mulheres trabalhadoras de todo o Brasil, marcando o encontro como o maior congresso feminino da história do movimento sindical internacional. “Foi por meio dele que estabelecemos metas para todo o país, pois criamos departamentos femininos nos Sindicatos e ampliamos o espaço da mulher dentro das diretorias executivas”, ressalta.

Aposentadoria

No ano de 1998, a Telesp foi privatizada e os espanhóis da Telefônica implantaram um Plano de Demissão Incentivada. Por já se encontrar aposentada e com problemas familiares, Gonçala assinou o PDI e, em janeiro de 1999, solicitou o desligamento da empresa e do Sindicato. Gonçala faleceu em 16 de junho de 2010, após uma longa luta contra um câncer.

Falecimento em 2010

É com pesar que o Sintetel informa o falecimento da companheira Gonçala Aparecida Cruvinel na madrugada desta quarta-feira. Nascida em 15 de novembro de 1945, Gonçala foi uma grande militante sindical. Entrou para o Sintetel em 1984, a convite do então presidente Geraldo de Vilhena Cardoso, para ser a primeira secretária da mulher da entidade. Mais tarde, viria a ocupar ainda o cargo de diretora-secretária.



Participação no 1º Congresso da Mulher Trabalhadora da CGT, realizado em 1986, em São Paulo

Direitos fundamentais das mulheres

* *Reconhecimento e valorização da dignidade da mulher como ser humano, independente de sua raça, religião ou estado civil.*

* *Reconhecimento da importância do seu papel como agente de transformação e desenvolvimento.*

* *Modificações dos padrões culturais que a situam num papel de desvalorização, secundário e marginal.*

* *Não ser considerada como um objeto de prazer ou de consumo e que os meios de comunicação não a utilizem como objeto sexual ou de consumismo, degradando sua dignidade.*

* *Não ser objeto de violência física, sexual, psicológica, de tráfico e de prostituição.*

* *Que se valorize a maternidade como uma contribuição a sociedade e não como um privilégio para algumas mulheres e castigo para outras.*

* *De uma velhice digna, com uma previsão adequada e justa.*

* *Que a família seja sujeito e objeto de políticas globais, que garantam a satisfação de suas necessidades básicas, aspirações e melhoramento de suas condições de vida.*

* *Acesso gratuito aos serviços de saúde com adequada infraestrutura, para cobrir as*

necessidades básicas.

* *Ao seu acesso a informação sobre métodos de planejamento familiar e escolha destes e pela obtenção gratuita, para seu uso e não ser esterelizada sem o seu conhecimento.*

* *Receber a pensão alimentícia em caso de separação e que seja sentenciada seu cumprimento.*

* *Informação e formação política, econômica e cultural.*

* *Ao trabalho formal e digno.*

* *A receber igual salário por igual trabalho.*

* *A remuneração e previdência social do trabalho realizado do lar.*

* *Que a legislação protetora da maternidade não se converta num motivo de exclusão do mercado de trabalho*

* *A participação de organizações destinadas a transformar sua condição social.*

* *Que se revise a legislação nacional no aspecto civil, familiar, trabalhista penal, com vistas a garantir e promover, a participação equitativa da mulher.*

* *Que os projetos relativos ao incremento da participação da mulher no desenvolvimento, tenham alta prioridade nos programas nacionais.*

* *Que se criem condições para a geração de emprego ao crescente número de mulheres*

que se criem condições para a geração de emprego ao crescente número de mulheres que se incorporam ao mercado de trabalho, em especial para aquelas que são sustentadoras do lar.

* *Horários flexíveis no trabalho destinados a complementação da sua educação.*

* *Existência de planos de aposentadoria e pensão com remunerações integrais, e corrigidas que possam cobrir as suas necessidades.*

* *Que se recicle a mão de obra incapacitada, para outro trabalho que possa desenvolver.*

* *Que a verdadeira diferença entre remuneração de homens e mulheres por trabalho, seja de igual valor, buscando pesquisas oportunas para promover a aplicação deste princípio.*

**Maria dos Anjos Mesquita
Hellmeister**

Presidente Sindebeliza

**Diretora da Secretaria da Mulher da
CONTRATUH**

**Conselheira do Conselho Estadual da
Condição Feminina**

Diretora da NCST-SP

**Diretora Suplente da Secretaria da
Mulher da NCST**



A sindicalista Mariazinha - Maria dos Anjos M. Hellmeister, 1ª à direita no 2º degrau e Conselheiras do Conselho Estadual da Condição Feminina de SP visitam o Tribunal de Justiça apresentando propostas para o enfrentamento da Violência contra a mulher no estado.

Mulheres no poder

Juvandia Moreira*

Foto: Letícia Macedo/G1



Relatório publicado pelo Banco Mundial mostra a realidade da mulher em diversos países. A conclusão nós já sabemos: apesar das muitas conquistas nos últimos anos, a desigualdade permanece e tem de ser combatida. A novidade: os dados comprovam que a eliminação da segregação no emprego aumenta a produtividade em até 25%. E a participação das mulheres na vida política do país auxilia na melhora da qualidade das políticas públicas.

De acordo com o estudo, se as mulheres tiverem as mesmas oportunidades de emprego e posições de comando, assim como salários equivalentes aos dos homens, a produtividade no mundo pode aumentar de 3% a 25%, dependendo do país. Na América Latina, este ganho pode variar de 4% a 16%.

Quando se fala na inclusão das mulheres no mercado de trabalho, em 30 anos, só na América Latina e Caribe, 70 milhões de trabalhadoras conquistaram um emprego. O Brasil contribuiu com aumento de 22% no percentual, contra apenas 2% da média mundial.

Na política, a participação feminina é especialmente desproporcional pelo mundo. Enquanto na África do Sul e na Holanda 45% e 41% dos assentos do parlamento eram ocupados por mulheres em 2010, na Arábia Saudita, não há vagas para elas. Na América Latina, a média é de 24%.

A ONU também publicou relatório colocando o Brasil em 120º lugar

no ranking da proporção de mulheres nos parlamentos. Ficamos atrás de países islâmicos como Paquistão, Sudão e Emirados Árabes Unidos. Na Câmara dos Deputados, por exemplo, existem apenas 8,7% de mulheres. Na mais recente campanha para vereadora, o cenário mudou um pouco a partir da decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de fazer cumprir a exigência da cota mínima de 30% de mulheres entre os candidatos inscritos nas eleições proporcionais (para vereador, deputado estadual, distrital e federal). Se, em 2008, apenas 22% do total de candidatos eram mulheres, em 2011 elas já somaram 31,8%, ou 130 mil candidatas.

No Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região lutamos constantemente pela igualdade entre homens e mulheres. Nos últimos anos tivemos muitos avanços, e sempre em defesa de uma sociedade com igualdade para todos. Mas ainda temos muito o que conquistar. As mulheres representam 52% da população brasileira.

Na categoria bancária, ocupam 49% do total de postos de trabalho e recebem, em média, salários 23% menores que os dos homens. Essa realidade é ainda mais injusta quando se observa que as mulheres bancárias têm escolaridade maior que a dos bancários. 72% das bancárias têm nível superior completo, enquanto entre os homens esse percentual cai para 66%.

Em seus Relatórios Anuais de

Sustentabilidade os bancos apresentam algumas informações que ilustram a desigualdade com a qual as mulheres são tratadas nestas instituições. No Bradesco, por exemplo, o salário médio das mulheres da área administrativa representa apenas 78% do salário médio dos homens que trabalham na mesma área. Além da diferença salarial, a injustiça se expressa também no acesso aos cargos mais altos da instituição: o Santander, por exemplo, tem 171 homens diretores e apenas 35 mulheres no mesmo nível de cargo. Nos cargos gerenciais são 479 homens e apenas 187 mulheres. E isso em um banco que tem em seu quadro 59% de mulheres. No Itaú a situação não é diferente. A diretoria tem 94 homens e apenas 13 mulheres.

Ainda mais preocupante é que mesmo nos bancos públicos a discriminação de gênero é latente. Os cargos de governança (Conselho de Administração, Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Comitê de Auditoria) do Banco do Brasil são compostos por 56 homens e apenas cinco mulheres. Na Caixa não há nenhuma mulher nos cargos de diretoria.

Lutamos para mudar essa realidade dentro da nossa categoria. E é uma batalha que precisa ser combatida por todos na sociedade.

**Juvandia Moreira é a primeira mulher a presidir o Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região.*



Adriana Rocha e Ricardo Joaquim com a filha Manuela

CMB soma com Adriana por justiça para Ricardo Joaquim!

Em evento “Mulheres e Superação”, na cidade de Guarujá/SP, Ilda Fiore, diretora-tesoureira, apresentou a solidariedade da CMB à Adriana Rocha, viúva de Ricardo Joaquim.

“Mulheres de luta de todas as idades que aqui estão vamos fazer das dificuldades a energia para a conquista da superação frente a cada desafio. Assim como faz nossa querida Adriana, cidadã de Guarujá, que enfrenta a dor da perda de seu companheiro assassinado, Ricardo Joaquim, um grande amor. Adriana luta por justiça, para ver os culpados respondendo pelo crime. Ex-secretário de Governo desta cidade foi assassinado no Dia Internacional da Mulher quando, em uma reunião do partido que presidia, o Partido Pátria Livre, no dia 08 de março de 2011, homenageava a garra da mulher brasileira. Um crime encomendado por interesses anti-povo com os quais ele não conciliava. Não aceitaremos

impunidade! A ele, a CMB será eternamente grata, pela confiança, pela parceria, pelo apoio, quando aqui profissionalizamos centenas de companheiras para atuar na Construção Civil. Seguimos com Adriana para levar a luta de Joaquim adiante. Queremos ver o Brasil livre de discriminações, desigualdades e violência e para isso é essencial que nossa economia volte a crescer. O desemprego, a falta de salário, de escolas, de atendimento na saúde é violência inaceitável. A produção industrial caiu 2,7% e o PIB de 2012 ficou em 0,9%, muito longe dos 7,5% alcançado com Lula em 2010. Precisamos estar unidas para que a Presidenta Dilma tenha forças e diga NÃO aos banqueiros e SIM ao povo!

Em 2012 foram pagos R\$ 175 bilhões e 718 milhões aos bancos só em juros da dívida. A especulação internacional recebeu 4,5 vezes mais do que foi investido em saúde. Precisamos SUPERAR essa prioridade. É totalmente ilógico o povo continuar a ver seu país sendo paralisado, sem avanços, sem as mudanças que são necessárias para seu bem estar. Para se ter uma idéia do crime desse desvio, de janeiro a setembro de 2011, 1038 mães perderam a vida durante o parto. Em 2010 foram 1317. E nós, aqui no Guarujá, lutando pela reforma do Hospital Santo Amaro, que passei em frente vindo para cá, para garantir o funcionamento de nossa maternidade. Não aceitamos que tantas brasileiras morram sendo

possível evitar! Muitas mães ainda morrem por falta de vaga em hospitais para dar à luz a um filho muitas vezes deixando outros órfãos.

A especulação internacional recebeu ainda 26 vezes do que foi investido em transportes, 30 vezes o que foi investido em agricultura, 267 vezes do que foi investido em habitação e 52 vezes do que foi investido em Ciência e Tecnologia.

Não aos Leilões! A Petrobrás é nossa! O Petróleo do pré-sal é nosso!

Nosso país é muito rico, tem um povo muito trabalhador e inteligente. Fomos o único país a desenvolver a capacidade de explorar petróleo em águas profundas. Vo-

cês jovens que aqui estão, que são naturalmente curiosos, procurem na internet o que significa colocar uma sonda há milhares de quilômetros de profundidade, em águas turbulentas como é o alto mar, para localizar e prospectar o petróleo, sem que a sonda se mexa mais do que o possível, pois senão quebra!

Pois é, tecnologia brasileira, da PETROBRÁS, que poderia estar aqui, ao nosso lado, à disposição de capacitar e qualificar todos vocês, e as gerações que virão depois de vocês!

O BRASIL É NOSSO! Mulheres, temos que sair às ruas e exigir que o dinheiro que o Brasil produz tem que ser investido em nós,

em nosso filhos, nas crianças e na juventude! Que podemos prevenir a violência contra a mulher, quanto mais nós mulheres pudermos estabelecer nossos relacionamentos por amor e não porque dependemos financeiramente de nosso companheiro. As companheiras aqui que me antecederam denunciaram muito bem essa questão da violência. Temos que acabar com essa chaga e punir o agressor!

Já demonstramos que podemos ser grandes engenheiras, médicas, cientistas, arquitetas, pilotas de avião, comandante de navio, como a paraense Hildelene Lobato Bahia. Não há nada que nos diminua perante os companheiros.

Mulheres brasileiras exemplos de superação e lutas como Adriana

Nísia Floresta, do RGN, em 1832 defendia o direito das mulheres à educação. Vocês sabem que nós não tínhamos direito a estudar, não podíamos sair sozinhas e não tínhamos o direito ao voto; Rita Lobato Velho Lopes que em 1887 tornou-se a primeira mulher a receber o grau de médica; Myrthes de Campos que em 1889 foi admitida no Tribunal de Justiça Brasileiro para defender um cliente; Deolinda Daltro, que em 1910 fundou o Partido Republicano Feminino e em 1917 liderou uma passeata exigindo nosso direito ao voto; Bertha Lutz, bióloga, que constituiu em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; Alice Tibiriçá, médica sanitária, que organizou a luta das mulheres em defesa do PETRÓLEO e da PETROBRÁS; Chiquinha Gonzaga, que revolucionou a música com o desenvolvimento do chorinho; Barbara Heliadora, inconfidente que lutou pelo fim da escravidão; Dandara, esposa de Zumbi e guerreira na luta contra a opressão.

Na URSS após a revolução de 1917, as mulheres chegaram a ser



Chiquinha Gonzaga



Bertha Lutz

59% dos técnicos médios e superiores, 33% dos engenheiros, 72% dos médicos e 35% dos advogados. Tínhamos uma presença de 48% da força de trabalho na indústria, 24% nos transportes, 67% nas comunicações, 47% nos organismos científicos, entre outros..

O mesmo exemplo se deu na CHINA, onde as mulheres respondiam em 2001 por 37% dos empregos em empresas, 43,4% em instituições, 57% em saúde pública.

Em Cuba, as mulheres são 45,2% da força de trabalho, sendo

que 66,2% são técnicos e profissionais, a representação no parlamento alcançou 35,96%. Na educação alcançaram zero de analfabetismo.

Seguiremos adiante fortalecidas por esses exemplos de conquista e superação!

**Viva Adriana e a pequena
Manuela! Viva as mulheres do
Guarujá! Viva as mulheres paulistas
e brasileiras!"**

*Ilda Fiore
tesoureira da CMB e membro do
Conselho Diretor da FMP - Federação das
Mulheres Paulistas.*

**DENGUE
PODE MATAR**

DISQUE SAÚDE

136

Ouvidoria Geral do SUS
www.saude.gov.br

DENGUE

É FÁCIL COMBATER,
SÓ NÃO PODE
ESQUECER



Família, vizinhos, agente de saúde e você: a parceria perfeita para vencer a dengue.

O número de casos de dengue vem aumentando em diversos estados do Brasil. Mais do que nunca, precisamos da sua participação para vencer essa doença que pode matar. Não deixe nada que possa acumular água exposto ao tempo. Mantenha sacos de lixo fechados; caixas d'água tampadas; calhas limpas e vasilhinhos de plantas com areia. Mobilize seus amigos e vizinhos. E, em caso de febre, dor de cabeça, no corpo e nas juntas e manchas vermelhas pelo corpo, beba muito líquido e procure uma unidade de saúde.

Melhorar sua vida, nosso compromisso.



Ministério da
Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cuba é o melhor país da América Latina para ser mãe, diz estudo

Mulheres com maior acesso à educação e representação política consolidam conquistas em saúde

Cuba é o melhor país da América Latina para a maternidade e o 33º do mundo, segundo um índice da organização britânica Save the Children. No topo está a Finlândia e a República Democrática do Congo em último. Os Estados Unidos estão em 30º lugar e o Brasil em 78º.

Cubanas comemoram 1º de maio em Havana. País caribenho está à frente de Argentina, Costa Rica e México em índice sobre maternidade

A ONG, cuja sede fica em Londres, leva em conta fatores como bem-estar, saúde, educação e situação econômica das mães, assim como a taxa de mortalidade infantil e materna, para definir a tabela.

Levando em conta somente a América Latina e Caribe, Cuba está à frente da Argentina (36), Costa Rica (41), México (49) e Chile (51). O Haiti está no 164º lugar. Também em postos relativamente baixos es-

tão Honduras (111), Paraguai (114) e Guatemala (128). A Venezuela está em 66º.

“Apesar de a América Latina ter conseguido enormes avanços, podemos fazer mais para salvar e melhorar a vida de milhões de mães e bebês recém-nascidos que se encontram na maior situação de pobreza”, afirmou o diretor da Save the Children para a América Latina, Beat Rohr. Ele disse que os maiores avanços foram registrados no Brasil, Peru, México e Nicarágua.

O Índice de Risco do Dia do Parto, elaborado pela primeira vez, revela que 18 % de todas as mortes de crianças menores de 5 anos na América Latina ocorrem durante o dia de nascimento. As principais causas são nascimentos prematuros, infecções

graves e complicações durante o parto.

Contudo, a mortalidade neonatal na região diminuiu 58 % nas últimas duas décadas, apesar de ainda existir uma grande diferença na atenção dada às pessoas ricas e às com menos recursos, ressalta o estudo. A Save the Children estima que, a nível mundial, mais de um milhão de recém-nascidos poderiam ser salvos todos os anos caso o acesso à saúde fosse universal.

“Quando as mulheres têm educação, representação política e uma atenção materna e infantil de qualidade, elas e seus bebês têm muito mais probabilidades de sobreviver e prosperar, assim como a sociedade na qual vivem”, sublinhou Rohr.

Fonte: opera mundi



“OUTLET” in Terra Brasilis

Ao “*startar*” este “*paper*” despretensioso sei que o tema é bastante explorado e que existem muitos artigos e comentários sobre o assunto. Não é original, nem inédito, já foi até objeto de muitas músicas do nosso cancionário popular. Pode até parecer delírio de uma antiquada nacionalista nascida no século passado, no pós-guerra.

Mas, ultimamente, a invasão alucinada de palavras estrangeiras em nosso vocabulário é irritante. Contaminam a nossa vida porque as palavras são signos ideológicos e à medida que um povo perde a sua língua também perde a sua alma. Não tenho a intenção de buscar a autenticidade linguística de um Policarpo Quaresma, mas, sempre é bom dar um tempo, na colonização. O “*sale*” do “*Brazil*” está devastador! Como diz Aldir Blanc e Maurício Tapajós em *Querelas do Brasil* – “(...) O Brazil não conhece o Brasil /O Brazil nunca foi ao Brasil /O Brazil não merece o Brasil /O Brazil ta matando o Brasil (...)”

Exemplos simples. Visualizemos um corriqueiro planejamento de atividades entre grupos de pessoas, para organizar algum evento ou uma simples reunião de trabalho. No momento de distribuir as tarefas começa a festa: quem faz o “*folder*”, onde produzir o “*banner*”, e se houver “*workshop*” quem providencia o “*coffee break*”? Vai constatar do que? Será interessante que tenha “*cupcake*”? Ou quem sabe um “*brunch*”?

Hora da execução: “*Release*” para imprensa, “*briefing*” para resumir a pauta e as decisões tomadas... ah! também um “*data show*” para projetar o “*PowerPoint*” com o “*case*” que será discutido.

Finalmente após a realização do trabalho é a vez do indispensável “*following-up*” para acompanhar os resultados e fazer a “*accountability*” e ver se tudo deu certo e se terá sequência. No caso de atividades de “*advocacy*” é saudável ver se resultou num “*empowerment*”.

Quando as coisas não dão certo é preciso contratar um “*coaching*”, de preferência com “*Master in Business Administration*”- MBA e continuar a caminhada na busca de sucesso. Não é permitido, no cotidiano dos “*Corporate Center*” a presença de pessoas desagradáveis e críticas. Essa gente que se recusa a ser campeã, que não persegue metas surreais e objetivos de alto desempenho. Enfim, esses que preferem ser fracassados felizes, medíocres em paz, sem o ímpeto e sem a adrenalina dos verdadeiros campeões. Esses que nunca serão “*Chief Executive Officer*” - CEO. Aquelas criaturas exóticas que frequentam o Sistema Único de Saúde, que fazem feira em sacolões, que ao assistir futebol chamam de estádios as arenas da FIFA, não usufruem dos “*Medical Center*”, “*top of line*” com magníficos prédios espelhados e aparência de “*shopping centers*” que nem de longe possuem a forma de prosaicos serviços de saúde , e, pasmem, para

complicar, falam aquela língua arcaica trazida de Portugal com traços indígenas e africanos. Para que isso não ocorra na vida corporativa, para que não haja engano a respeito de quem protagonizará as ações é essencial a presença do “*headhunter*”, o verdadeiro, o implacável caçador de cabeças.

Os profissionais da hora são jovens bem apessoados, com idade em torno de 30 anos, que circulam nervosamente nos aeroportos, trajando ternos bem cortados, com a cintura e os bolsos cheios de artefatos pendurados, tipo *IPad*, *IPhone*, *Smartphone*, *laptop*, totalmente “*pluggados*” com a contemporaneidade, com celulares o tempo inteiro nos ouvidos, olhando “*check lists*” de atividades pendentes e uma inefável “cara de caso urgente” às vezes para resolver a compra de um lote de... grampos de cabelo!

Na real, acho que vou dar um “*gap*” e “dormir, talvez sonhar”. Aliás, imagino que ao dormir, os colonizados empreendedores de sucesso, aspirantes “ao” CEO, se tornem menos lamentáveis.

Mas, para o necessário “*upgrade*” é importante saber o que tudo isto significa e o que dizem estas palavras e este modo de vida. Foucault¹ falando sobre o neoliberalismo afirma: (...) o neoliberalismo é uma “prática de governo”, na sociedade contemporânea. O credo neoliberal não pretende suprimir a ação do Estado, mas,

1 Luiz Gonzaga Belluzzo, *Carta Capital*, 29/5/2013, ano XVIII, nº 750, cita reflexões do filósofo francês Michel Foucault sobre o neoliberalismo.

sim, “introduzir a regulação do mercado como princípio regulador da sociedade” e mais adiante assegura: “Trata-se de fazer do mercado, da concorrência, e, por consequência da empresa, o que poderíamos chamar de poder *enformador*² da sociedade”.

Na verdade somos aspirantes a uma centenária invenção norte-americana que, após a segunda Guerra Mundial, tornou-se sinônimo de formação de líderes empresariais o MBA! O que na vida real não passa de uma especialização. Após a sacração como MBAs somos caçados por um “*headhunter*”, selecionados e finalmente adestrados por um “*coaching*” – termo oriundo da idade média e que é uma gíria que surgiu nas universidades norte-americanas para definir um “tutor particular”. “*Coaching*” vem da palavra inglesa “*coach*” e significa treinador. Esse treinador tem o objetivo de encorajar e motivar o seu cliente a atingir um objetivo. O termo “*coaching*” apareceu pela primeira vez na era medieval, com a figura do cocheiro, o homem que conduzia a carruagem (coche) para algum

2 Enformador - enformar1 [De en-2 + fôrma + -ar2.] Verbo transitivo direto.
1. Meter na fôrma. Segundo dicionário do Aurélio.



lado. Os cocheiros também eram especialistas em treinar os cavalos, para que estes puxassem os coches. Trocando em miúdos, será que somos cavalos treinados para puxar o pesado coche das esfaceladas metrópoles imperialistas? É necessário conhecer as palavras, sentir o significado e a finalidade. Mas esta preocupação não existe no ilusório mundo reificado da modernidade global.

Por esta e por outras que o Brasil e seus habitantes correm o risco de ser um “*outlet*”, uma ponta de estoque, objetos com pequenos defeitos, pasteurizados, anódinos liquidados na grande gôndola do



supermercado global, na qual o capitalismo transformou a humanidade. Quem sabe, ao enfrentar a alienação, combater a pretensa “governança” mundial, agir criticamente e raciocinar de forma livre e lúcida consigamos diminuir este imenso desconforto existencial que sufoca os nossos melhores sonhos e sentimentos?

Mas, se pensar for uma carga muito pesada o aconselhável é malhar em um “*Fitness Center*”, com um dedicado “*Personal Training*” para uma saudável reabilitação. E, finalmente, como somos *resilientes*, quem sabe um “*Happy Hour*” para alcançar um almejado “*Happy End*”?

Clair Castilhos Coelho

Farmacêutica-Bioquímica, Mestre em Saúde Pública, Professora aposentada do Departamento de Saúde Pública da UFSC, Secretária Executiva da Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

Aos Escritores do Estado de São Paulo

Vamos juntos lutar pela valorização da nossa profissão e defender a democratização dos meios de comunicação!

O Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo vem a público neste momento conclamar a todos os integrantes da categoria a se unirem em torno de sua entidade representativa para darmos seguimento a uma ampla mobilização em defesa dos nossos direitos, pela valorização da profissão de escritor e pela democratização da produção, divulgação e acesso às obras literárias. O Sindicato vai lutar também pela garantia da necessária pluralidade de espaços, opiniões e visões dentro dos meios de comunicação existentes na sociedade brasileira.

Muito além da regulamentação da nossa profissão, o que nós

defendemos é que o escritor tenha condições adequadas para se dedicar integralmente ao seu trabalho. A criação literária, científica, jornalística, etc., não pode ser uma atividade feita apenas nas horas vagas. Isso é claramente um desperdício de talentos. Temos que criar as condições para que aqueles que quiserem possam se dedicar exclusivamente ao trabalho de escrever. Por isso queremos uma remuneração justa pelo trabalho dos escritores, tanto nos contratos assinados com editoras, como através de uma política adequada de direitos autorais. Esses são compromissos do Sindicato.

Temos consciência de

que o chamado “mercado editorial” brasileiro vem sendo cada vez mais manietado e controlado por grandes grupos monopolistas, muitos deles estrangeiros, que, ao visarem a obtenção de superlucros, estrangulam a concorrência e estreitam as possibilidades de ampliação das publicações. As corporações concentram em suas mãos praticamente todos os recursos do setor editorial e definem de forma excludente o que deve e o que não deve ser publicado.

Os livros didáticos adquiridos pelos órgãos públicos nos diversos níveis da administração vão ficando cada vez mais nas mãos desses grupos, excluindo das



encomendas públicas - importante mercado de livros no Brasil - as pequenas, médias e até algumas grandes editoras nacionais.

A concentração editorial provoca o enfraquecimento das editoras brasileiras. Descapitalizadas, elas muitas vezes não conseguem publicar livros sem repassar os custos para os autores. A monopolização dos recursos vem tornando cada vez mais difícil a ampliação das publicações de livros no país. Tendo em vista que a literatura brasileira é parte fundamental da cultura nacional, consideramos necessária e urgente a elaboração de políticas públicas voltadas para a defesa do mercado editorial nacional e a ampliação dos incentivos à produção e à circulação das obras literárias brasileiras.

A busca do lucro fácil faz com que se invistam apenas em obras com suposto “retorno garantido”, em detrimento da valorização da produção inovadora e culturalmente relevante para o país. Com isso, restringe-se cada vez mais a produção literária brasileira. Quem mais perde com isso é a cultura nacional e a população brasileira. Não podemos aceitar essa situação.

As políticas públicas devem fortalecer a criação literária do país. Nossa luta é garantir a abertura de espaços para a pujante criatividade dos nossos escritores. Ao garantir a ampliação da produção de livros nacionais, estaremos criando con-

dições para conviver em harmonia com a massiva literatura universal que chega às livrarias do Brasil.

O processo de desnacionalização editorial não é um fenômeno isolado no Brasil. O capital externo vem exercendo o domínio em diversos outros setores ligados à cultura nacional. Esse processo impede que o povo brasileiro tenha acesso à diversidade das obras culturais aqui produzidas. Podemos citar, por exemplo, a indústria fonográfica que é totalmente controlada por multinacionais e que, através do pagamento de “jabás”, nos impõe o conhecido “lixo” musical veiculado nos meios de comunicação de massa. Esses polpudos “jabás” definem praticamente toda a programação de rádios no país. Temos também problemas graves no setor de TV a Cabo e na distribuição cinematográfica. Esta última, fruto da desnacionalização, praticamente não exhibe filmes nacionais. O controle quase total das salas de exibição do país está nas mãos de grupos estrangeiros e, na TV, a situação é semelhante.

O resultado é que milhares de autores, roteiristas e diretores brasileiros não são vistos nas telas de cinema e nem nas TVs do nosso país. Os compositores também não têm suas obras tocadas nas rádios porque elas são controladas pelos interesses das gravadoras. E, infelizmente, temos que admitir que os nossos escritores também não conseguem ser lidos. Os livros não

são editados, ou quando o são, não circulam adequadamente. Essa é a verdade!

Quando alguns desses obstáculos são vencidos, deparamo-nos com os verdadeiros balcões de negócios em que se transformaram as estantes das grandes livrarias brasileiras.

Chegam a cobrar R\$ 15 mil por uma “boa exposição”. Ou seja, é exatamente igual ao “jabá” pagos às rádios e TVs, para tocar os “sucessos” que interessam às gravadoras. Na nossa área são prateleiras de exibição “bem pagas” que produzem os “best sellers” preferidos de certo grupos de editoras.

É hora de darmos um basta nessa situação! Por isso, o Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo está convocando todos os associados para a assembleia geral no dia 13 de junho de 2013. Vamos fazer uma ampla mobilização da nossa categoria. Vamos nos somar a todos os outros sindicatos de escritores do país nessa luta. O nosso sindicato quer promover também a unidade de ação com as demais entidades, academias, clubes e associações, que já congregam a nossa categoria, para juntos defendermos os direitos dos escritores e ajudarmos a difundir a cultura nacional. Vamos nos unir também às Centrais Sindicais para aumentarmos a nossa força e a nossa voz.

**Toda a força aos
escritores brasileiros!**



AS MULHERES CONQUISTAM A MÚSICA

Marcos Vinícius de Andrade

Marcos Vinícius de Andrade é compositor, maestro arranjador e Presidente da AMAR/SOMBRAS

A presença da mulher na música, ainda que seja um tema recorrente, parece ser matéria inesgotável. Mesmo que não se entre nos aspectos mais profundos da questão - como as indagações estético-filosóficas sobre a possível existência de uma Música Feminina, essencialmente distinta do que seria uma Música Masculina -, não há como negar que as marcas há muitos séculos deixadas pelas mulheres na vida musical dos povos do mundo, além de expressivas e numerosas, são fascinantes por revelarem muito sobre o processo evolutivo da civilização humana. Para isso, um mergulho nos estudos históricos, antropológicos e etnológicos é de grande valia. Pois através deles é que

constatamos, por exemplo, que desde a Antiguidade e até fins da Idade Média, o papel das mulheres na música resumia-se basicamente ao canto, à dança e à execução instrumental. Ou seja, não havia registros de mulheres-compositoras propriamente ditas naqueles tempos, mas é quase certo que elas tenham existido, principalmente quando se sabe que as fronteiras entre interpretação e criação eram, então, muito tênues: no Antigo Egito, as jovens musicistas que atuavam na corte dos faraós certamente cantavam melodias de sua inspiração, enquanto tocavam alaúdes de três cordas; também as *puellae gaditanae*, bailarinas e cantoras famosas que, já no séc. I a.C., acompanhadas de castanholas, executavam danças eróticas na antiga Hispania, deveriam desfiar cantos de sua lavra. só assim se justifican-

do que viessem a ser mencionadas por poetas latinos clássicos como Marcial (ca. 40-120) e Juvenal (ca. 55-127). É interessante frisar que a condição da mulher-musicista na Antiguidade quase sempre estava ligada ao contexto da escravidão: as jovens alaudistas egípcias, assim como as *puellae* hispânicas (verdadeiras precursoras do que, séculos mais tarde, seria o *baile flamenco*, como afirmam alguns especialistas) não deixavam de ser escravas, ainda que seus dotes artísticos lhes permitissem ter condição e tratamento especiais junto a seus senhores, que as compravam por valores elevados. O mesmo ocorreria, no séc. VIII, com as célebres *gaynas* da Península Arábica, que, não obstante serem cativas ou escravas alforriadas, surgiam também como verdadeiras cortesãs que formavam uma clas-

Clara Nunes



D. Ivone Lara



se particular e bastante prestigiada na sociedade árabe, onde atuavam como importantes mentoras intelectuais. Por seus notáveis conhecimentos de canto e poesia, duas dessas qaynas, Azzat al-Mayla (?-705) e Djamila (?-720), exerceram papel fundamental junto aos músicos e teóricos que codificaram o que seria a requintada música árabe clássica.

Mesmo assim, não há como negar que, em diversos momentos da história, o papel da mulher na música foi efetivamente tolhido e limitado por preconceitos de toda ordem. No Ocidente, as primeiras formas de música, relacionadas principalmente aos cantos litúrgicos da Igreja, por muito tempo foram exclusivas das vozes masculinas: dizia-se que as mulheres, mais suscetíveis a ser “impuras”, poderiam conspurcar a comunicação vocal com Deus. Concepções semelhantes iriam subsistir por muito tempo no mundo ocidental, tanto no âmbito da música culta como no

da popular, onde surgiriam inúmeros cantos e danças exclusivos para homens e mulheres, instrumentos masculinos e femininos e práticas sonoras baseadas na dualidade homem/mulher, que, uma vez cristalizadas nas tradições da Europa, foram depois trazidas para o Novo Mundo. Cá nas Américas, tal como ocorria entre muitos povos da África, vários grupos indígenas também fundamentavam suas músicas em conceitos cosmogônicos nos quais a mulher era figura meramente subsidiária, não raro sendo sumariamente excluída de várias esferas da vida tribal: ainda hoje, entre determinados grupos indígenas do Brasil, não se permite às mulheres ver/ouvir certos instrumentos sagrados de caráter masculino, nem tampouco participar de cantos e danças ou exercer quaisquer práticas musicais rituais relacionadas àqueles.

É paradoxal que esse processo de segregação musical das mulheres, dado como peculiar às socie-

dades ‘primitivas’, continuasse a ter equivalentes até mesmo na civilizada Europa do séc. XIX, quando tudo se fazia para evitar que o sexo feminino galgasse espaços na área da composição e da regência, tidos como territórios predominantemente masculinos. Perfeito exemplo de preconceito foi o caso da pianista alemã Clara Schumann (1819-1896). Instrumentista virtuose e uma das mais aclamadas intérpretes da Europa, Clara enfrentou grandes dificuldades para difundir seu trabalho como autora, mesmo recebendo todo o incentivo de seu célebre marido, o compositor romântico Robert Schumann (1810-1856), que jamais a eclipsou. Quando Robert começou a ter os transtornos mentais que o impediriam de reger, Clara assumiu a batuta da orquestra de Düsseldorf, primeiramente ao lado do marido, depois sem ele. A oposição dos músicos (e do próprio meio musical alemão) foi imensa, pois se julgava inadmissível que um



ser do sexo feminino pudesse dirigir uma orquestra. Sob esse estigma, viúva aos 37 anos e com 8 filhos para criar, a pianista Clara jamais obteve o reconhecimento que justamente merecia como regente e compositora, embora fosse apoiada por um ex-pupilo de seu marido, um jovem chamado Johannes Brahms (1833-1897), com quem ela teria tido um (incomprovado) romance.

Preconceito similar também atingiu a compositora francesa Augusta Holmès (1847-1903), que, apesar de seu talento, não pôde ingressar no Conservatório de Paris só porque essa instituição, considerada um templo do humanismo e da excelência musical, simplesmente rejeitava mulheres como alunas de composição. Augusta teve de contentar-se em fazer seus estudos com o notável compositor belga César Franck (1822-1890), o que, segundo se diz, terminou sendo melhor para ela. Mas o tempo prepararia sua revanche e, antes mesmo de fins do séc. XIX, o misógino Conservatório de Paris não teve como resistir

ao ingresso das mulheres que buscavam o saber musical, antes reservado ao mundo dos que vestiam calças. O revide foi ainda maior quando o próprio Conservatório assistiu uma de suas primeiras alunas, Nádía Boulanger (1887-1979), logo transformar-se não apenas em compositora de mérito, mas também em um dos maiores nomes da docência de música no séc. XX. Mais que isso, ao apropriar-se do saber musical com acuidade e sensibilidade femininas, Nádía atingiu a excelência didática que a levaria a ser a legendaria mestra de músicos notáveis como Aaron Copland (1900-1990), Igor Stravinsky (1882-1971), Leonard Bernstein (1918-1990), Astor Piazzola (1921-1992), Daniel Barenboim (1942-), Quincy Jones (1933-), Burt Bacarach (1928) e os brasileiros Cláudio Santoro (1919-1989) e Egberto Gismonti (1947-). Todos homens, como se vê.

As dificuldades que Clara Schumann, Augusta Holmès e Nádía Boulanger, entre outras, tiveram de enfrentar para ser reconhecidas

na Europa, permitem imaginar quão difícil foi para Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a nossa Chiquinha Gonzaga (1847-1935), abrir caminho como compositora e maestrina em terras brasileiras. A exemplo de suas colegas europeias, Chiquinha também era uma mulher do séc. XIX e, como tal, igualmente submetida aos rígidos códigos sociais da época. Só que, diferentemente daquelas, que lutaram pela *inserção feminina* num meio musical já desenvolvido e profissionalizado, Chiquinha batalhou em condições precárias e adversas: para ela, tratava-se não só de enfrentar os preconceitos contra a mulher (agravados por nossa condição de país periférico e pobre), como também de lutar pela própria consolidação de espaços para a música no Brasil, então relegada à quase marginalidade econômica. Tal situação fazia com que os músicos, independentemente de serem homens ou mulheres, fossem vítimas de preconceitos sociais de toda sorte. Assim, Chiquinha Gonzaga - duplamente discriminada, por ser



Margareth Menezes

mulher e musicista - empreendeu sua luta em duas frentes, batendo-se tanto contra os preconceitos de gênero quanto contra a exploração dos criadores musicais num meio cultural acanhado e subdesenvolvido. Não por acaso, Chiquinha surgiria, em 1917, como uma das fundadoras da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), colocando seu nome junto ao dos pioneiros na defesa dos direitos autorais em nosso país. Por todas essas lutas e também pelo seu imenso talento, Chiquinha tornou-se referência obrigatória, sendo, ainda hoje, a primeira figura a ser lembrada sempre que se quer mencionar uma mulher-compositora no Brasil.

A luta iniciada por Chiquinha Gonzaga e suas antecessoras rendeu frutos e, ao longo do séc. XX, muitas outras mulheres, compositoras ou maestrinas, viriam ocupar os merecidos espaços conquistados por seus talentos, tanto no Brasil como na América Latina. Nesta, bastaríamos lembrar os nomes da mexicana Consuelo Velásquez (1924-2005), autora célebre de *Besame Mucho*, da peruana Chabuca Granda (192-1983), criadora de *Fina Estampa* e da chilena Violeta Parra (1917-1967), que compôs *Gracias a la Vida*, entre tantas outras mulheres que se tornaram expoentes das músicas de seus respectivos países.

E no Brasil? É claro que Chiquinha foi e será sempre a primeira, embora jamais tenha sido a única mulher de nossa vida musical, felizmente. Alguns anos depois de sua morte, muitas outras compositoras surgiram na cena brasileira, não apenas revivendo a luta de Chiquinha, mas também pondo definitivamente por terra a falsa ideia de que são poucas as criadoras musicais em nosso país. Que nada! Que dizer de Tia Amélia (1897-1983), Dolores Duran (1930-1959), Maysa (1936-1977), Tuca (1944-1978), Fátima Guedes (1958-). Angela

Ro-Ro (1949-), Marília Medalha (1944-), Marina Lima (1955-), Glorinha Gadelha (1947-), Sueli Costa (1973-), Dona Ivone Lara (1921-), Joanna (1957-), Sandra de Sá (1955-), Rita Lee (1947-), Lúcia Turnbull (1953-), Ana Carolina (1974-), Cecéu (1950-), Marisa Monte (1967-), Teca Calazans (1940-), Isolda (1957-), Marlui Miranda (1949-), Luciana Souza (1966-), Ana de Hollanda (1948-), Anastácia (1941-), Margareth Menezes (1962-) e Paula Fernandes (1984-), entre outras? E das ditas “eruditas”. que também fizeram ou

fazem história, como Eunice Kantunda (1915-1990), Cleofe Person de Matos (1913-2002), Dinorá de Carvalho (1905-1980), Marlene Fernandes, Esther Scliar (1926-1978), Helza Camêu (1903-1995) e Mercedes Reis Pequeno (1921-), entre tantas mais?

Todas essas mulheres, maravilhosas à sua maneira, superaram preconceitos e conquistaram a música. Inspiradas em exemplos como o de Chiquinha Gonzaga, saíram vitoriosas nessa luta.

Marisa Monte





**Antecipe as vendas
da sua empresa com
as melhores condições.**

Cada vez mais, o Banco da Micro e Pequena Empresa tem os melhores prazos e taxas de juros para você antecipar as vendas da sua empresa com cheques pré-datados, duplicatas e cartões de crédito. Banco do Brasil.

Cada vez mais, bom pra todos.

**CADA
VEZ**

BOMPRATODOS

 @bancodobrasil  /bancodobrasil bompratodos.com.br

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC 0800 729 0722
Ouvidoria BB 0800 729 5678 • Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088

Crédito sujeito a aprovação cadastral e demais condições do produto.



Márcia Campos e diretoras da FDIM nas ruas de Ankara/CHIPRE repudiam a especulação financeira que está correndo as economias dos países



“Luta contra as guerras imperialistas e crises econômicas mobiliza as mulheres em todo o mundo”

A Federação Democrática Internacional de Mulheres - FDIM reuniu seu Comitê de Direção em Ankara no Chipre no início do último mês de Abril. Assim como fez no Brasil, durante seu XVº Congresso realizado em Brasília, em 2012, a FDIM tomou as ruas da capital do país sede da reunião e protestou contra a crise da economia europeia criada pelos bancos e denunciou as guerras imperialistas exigindo o fim da agressão à Síria.

Márcia Campos, Presidenta da FDIM, declarou à imprensa local: “As agressões dos EUA e Israel contra os povos árabes tem aumentado. São gastos milhões de dólares para provocações, assassinatos, chantagens e sabotagens contra a Síria, o Líbano, a Palestina, países que não se intimidam e seguem de forma soberana sendo uma referência para os povos. Recentemente realizamos

caminhada no centro financeiro do Brasil, a Av. Paulista em SP, e repudiamos as guerras imperialistas dos EUA contra os povos. Estamos nas ruas de Ankara em solidariedade à luta das mulheres e de todo o povo cipriota que exigem a volta do crescimento econômico e o enfrentamento ao desemprego causado pela crise dos monopólios financeiros”.

A reunião da FDIM repudiou a invasão do Mali pelo falso “socialista” Hollande, atual Presidente colonialista francês que quer assaltar os salários e os direitos trabalhistas dos franceses para continuar sustentando seus banqueiros e guerras. Desde 2000 mais de um bilhão de euros foram gastos para manter a dominação sob suas ex-colônias principalmente com bases militares na região africana. A FDIM aprovou enviar Delegação de Solidariedade à RPDC, a Coréia Democrática, durante as comemorações do 60º aniversário da vitória

na Guerra da Coréia (1950-1953) em final de julho. O país tem enfrentado as manobras militares americanas realizadas na região através das bases militares instaladas na Coréia do Sul. As dirigentes de 40 países que compõem o CD de Direção parabenizaram o povo coreano pelo sucesso do lançamento do satélite artificial de observação da terra “Kwangmyongsong 3” O lançamento observou todas as regras internacionais e é decisivo para a defesa da opção do povo pelo regime socialista rumo ao desenvolvimento sustentável que assegura o bem estar de todo o povo.

Com a crise e as guerras cresce o desemprego entre as mulheres e o ataque aos direitos trabalhistas!

A FDIM rechaçou a política econômica neoliberal e suas taxas menores de emprego entre as mulheres, concen-

tração de empregos informais, subempregos com salários mais baixos e proteção social menor. Constatando que em 54 países a renda per capita está mais baixa do que há dez anos e resulta que em 14 países mais crianças morrem de fome; que a falta de saneamento básico matou mais crianças na década passada do que todos os conflitos armados desde a II Guerra; que as leis de proteção ao trabalho feminino e à maternidade não são cumpridas e são usadas para aumentar a discriminação; que a mulher trabalhadora que engravida é ameaçada com a perda de emprego; que os investimentos públicos em creches, pré-escolas, assistência à maternidade e aos filhos são desviados para os cofres dos banqueiros; que a faixa de idade para aposentadoria aumentou em muitos países; que os EUA registram mais de 50 milhões de ameri-



CIA e os drones americanos (aviões não tripulados) mataram 53 pessoas e feriram 57 em 2012 em vilarejo do norte de Waziristan com a tática de atacar serviços de resgate. A ONU classificou esse tipo de ação como CRIME de GUERRA. A Midia cala.

canos passando fome e mais da metade são mulheres; que a guerra cambial ao desvalorizar o dólar suga as economias e deixa os povos á mingua a FDIM parabenizou os povos da Grécia, Espanha, Portugal, França, da Itália, dos EUA, que estão nas ruas contra despejos e desemprego.

A reunião finalizou homenageando o herói de todos e todas na Venezuela e no mundo, o Presidente Hugo Chavez, que faz parte da História da

FDIM, e da luta por um outro Mundo, mais feminino, igualitário, soberano e com Paz Justa é possível.

“Chavez honrará sempre os heróis da América que lutaram por liberdade. Chavez inspirará sempre os lutadores e lutadoras de hoje, brasileiras, cubanas, equatorianas, bolivianas, argentinas, africanas, de todos os continentes”, finalizou Márcia Campos ao encerrar a reunião.

À esq. Lenice Antunes, FDIM/Brasil e à direita, Linda Mattar, 88 anos, Presidente da União de Mulheres do Líbano



Rompendo barreiras e fronteiras a gaúcha Mari Perusso na luta por um novo Brasil!

Mari Perusso é reconhecida nas esferas políticas, governamentais e empresariais como a “aquela que faz acontecer”. Desde muito cedo, empunhou bandeiras em defesa dos direitos das mulheres e aprendeu a transitar num mundo predominantemente masculino para uma jovem idealista.

Nascida na pequena cidade de Três de Maio, na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul, filha de um pequeno agricultor e de uma professora primária, aos 12 anos já militava no movimento estudantil do colégio Cardeal Pacelli, e passou a integrar a União Gaúcha dos Estudantes, contrariando as orientações da família. O período era de plena efervescência democrática – anos 80 – e os jovens lutavam pelo fim da ditadura e por eleições diretas para diretores de escola, prefeitos, governadores e presidente do País. E não demorou para que ela passasse a engrossar as fileiras de militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR8.

Aos 13 anos, se empenhou na fundação da Federação Gaúcha das Mulheres (FMG), sendo a responsável pelo Departamento da Mulher Jovem da organização. Esse movimento nacional de organização das mulheres, principalmente mulheres das comunidades, em Federações se dava na luta contra a carestia, pelo fim da ditadura e por direitos iguais.

Formada em Direito pela PUC-RS já aos 20 anos, **dedicou-se na defesa das mulheres vítimas de violência até que o Estado através da Defensoria Pública assumisse** este papel. Desde então, a luta em defesa dos direitos das mulheres pela autonomia financeira, a alfabetização, a qualificação profissional e a efetiva participação feminina em todas as esferas da sociedade organizada foram bandeiras empunhadas. Em 1988, foi uma das fundadoras da Confederação das Mulheres do Brasil e atualmente é vice-presidente licenciada da entidade.

Hoje, aos 46 anos, Mari Perusso é Presidente Estadual do Partido Pátria Livre (PPL) e ocupa um cargo de extrema responsabilidade: é Chefe Adjunta da Casa Civil do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e faz uso da função para auxiliar o Governo Tarso Genro na concretização do Plano de Governo que tem como principais diretrizes a Reestruturação do Estado – com a recomposição dos serviços públicos e aumento dos recursos para as áreas da educação, saúde e segurança; a criação de um Modelo de Participação Cidadã; um Modelo de Desenvolvimento Econômico e Redução das Desigualdades Regionais – Política Industrial para o RS, Política de Fortale-



Arquivo FMG

Mari Perusso,
Secretária-Adjunta
Casa Civil-Governo
do Rio Grande do Sul



Congresso FMG em 1985 quando
foi eleita Tesoureira-Geral da
entidade

Arquivo FMG

cimento das Cadeias Produtivas e APLS entre outras; e o Programa de Inclusão Social – hoje o RS MAIS IGUAL; e apóia a Secretaria de Políticas para Mulheres na transversalidade de políticas para mulheres nos principais programas das diversas secretarias. Recentemente assumiu interinamente a Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Estado – SEMA.

RVB: O que representou estar à frente da Federação das Mulheres Gaúchas por 30 anos?

MP: Quando fundamos a FMG, lá nos anos 80, o Brasil estava vivendo um período de mobilizações intensas. O povo estava indo para as ruas para exigir a democracia e, neste contexto, as mulheres começaram a se organizar não somente no campo acadêmico, como até então era feito. As causas feministas passaram a ser um movimento de massas, com bandeiras estruturais: moradia, fim da violência, salário e dignidade para as mulheres trabalhadoras. Nacionalmente, participamos da Assembléia Nacional Constituinte. Regionalmente, tenho o maior orgulho de, ao lado de várias companheiras da FMG, ter sido a autora da emenda popular que resultou no artigo 194 da Constituição, que garante delegacias especializadas e albergues para as mulheres vítimas de violência. Foi uma grande vitória nos-



Arquivo FMG
 Presidenta da FMG-1998, Caminhada pelo Desenvolvimento e Paz em Porto Alegre



Arquivo FMG

Ao lado de Fernando Siqueira-AEPET Maria Perusso convoca as mulheres para defender o petróleo brasileiro no 9º Congresso da FMG.

sa. A Federação alfabetizou mais de 10 mil mulheres através de convênios com empresas e governos. Também implantamos o Sem mulher, em 1995.

Em 2009 no seu IX Congresso Estadual, com a participação de mais de 500 lideranças femininas, a FMG destacou a questão do Desenvolvimento Nacional com foco na luta do “Pré-Sal é nosso”. Tivemos naquele momento a participação do Comitê Gaúcho de Defesa do Pré – Sal, Dr. Carlos Marchionatti – Presidente da Ajuris e do Presidente da AEPET – Associação dos Engenheiros da Petróbrás Dr. Fernando Siqueira.

Hoje a FMG é uma entidade

que juntamente com a CMB está na linha de frente do movimento feminista organizando as mulheres em Defesa do Brasil, pelo fim dos Leilões do Petróleo, de mais políticas públicas e mais desenvolvimento e equidade.

RVB: Como mulher com trajetória nas lutas por mais direitos e igualdade para as mulheres, como você vê a situação atual da mulher brasileira? Qual o papel das entidades feministas atualmente e quais os nós a desatar?

MP: É inegável o papel fundamental que as organizações feministas têm na conquista da emancipação da mulher e dos avanços democráticos no Brasil. Antes, por exemplo, a FMG fazia atendimento

jurídico porque não havia este serviço para as mulheres. Quando a Defensoria Pública assumiu esta missão, comemoramos, afinal foi um avanço e uma vitória de todas as mulheres. A partir daí, tivemos que partir para novas lutas. Agora, por exemplo, acho que temos que exigir que nos 12% do orçamento que estão sendo destinados à saúde pelo Governo do Estado, haja um fortalecimento da política específica de atendimento às mulheres e da atenção básica de saúde. É necessário nosso posicionamento nas questões econômicas centrais: redução dos juros, renegociação das Dívidas dos

Estados com a União, fim dos cortes orçamentários das políticas sociais e o avanço das políticas de fortalecimento do Estado brasileiro que o Presidente Lula vinha implementando.

RVB: Como foi a tua inserção na política partidária?

MP: Aos 16 anos, me filiei no PMDB, mas só votei com 18 anos para governador do Estado, em 1986. Em 2009, ajudei a articular a criação do PPL. Coordenei a organização do partido no RS na coleta de assinaturas registro e hoje sou presidente estadual da legenda.

RVB: Você tem ocupado cargos executivos e agora, no Governo do Estado, está atuando em uma secretaria que não tem como tradição a ocupação por mulheres. Como sente esse desafio?

Ultimamente, o Rio Grande do Sul tem se caracterizado por ter mulheres em esferas que não tradicionalmente são ocupadas por elas. Tivemos até uma governadora, o que não significou, na prática, avanços para as mulheres em termos de políticas públicas. Ocupei dois cargos públicos de relevância: o primeiro, na Secretaria de Governança da Prefeitura de Porto Alegre, de 2005 a 2007, coordenando a Implantação da Governança Solidária Local na Capital – um programa em parceria com a UNESCO que visava o desenvolvimento local na Capital.

Já no caso do Governo do Esta-

do, tive a oportunidade de participar da coordenação de campanha como representante do meu partido, e pude me dedicar muito à montagem de uma secretaria específica para o desenvolvimento de políticas públicas para as mulheres. A concretização desta secretaria é emblemática porque passa a ser uma política do cotidiano e não mais um assunto tratado esporadicamente ou em datas comemorativas – é uma política de governo.

Hoje, no cargo que ocupo, tenho uma atuação mais plural, posso me envolver nos programas de várias outras secretarias. A Casa Civil, que tem um papel estratégico no Governo, de relação Institucional com outros Poderes – principalmente a Assembléia Legislativa, participa da Sala de Gestão do Governo que acompanha os 64 projetos estratégicos, atuando transversalmente com todas as áreas: econômica, social, saúde, educação, obras e há muito mais espaço para eu atuar tanto na questão das mulheres, quanto em outras frentes.

RVB: A realidade do acesso à saúde integral da mulher e à creche está muito aquém das necessidades em todo o Brasil. Quais são as ações do governo do RS para avançar neste sentido?

MP: Em nosso Estado, além da montagem da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, destaco a implantação de Centros de Referên-

cia de Atendimento às Mulheres e a adesão do Estado à Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, que está nos possibilitando aprofundar a implementação da Lei Maria da Penha e promover a autonomia econômica e financeira das mulheres. Com relação à escola infantil, penso que este é um direito da criança em primeiro lugar. Independente se a mãe trabalha ou não, é dever do Estado incluir essa nova geração. Mas para a mulher é fundamental ter uma creche para que ela possa estudar se qualificar e buscar a sua autonomia financeira.

Outra batalha que estamos vencendo é a inserção da mulher no mundo do trabalho, exemplo a construção civil. Demorou em a sociedade perceber o grau de competência da mulher em diversas áreas predominantemente masculinas. Hoje, nos cursos de qualificação profissional oferecidos pelo governo, cerca de 40% dos matriculados são mulheres. Também ampliei muito o número de mulheres que procuraram acesso ao microcrédito. Na área da saúde o governo partir deste ano de 2013 está investindo 12%. O que se coloca para nós agora, é que estes recursos precisam ser canalizados prioritariamente para a atenção básica da saúde que passou no último ano de 32% de cobertura para 43% neste ano.



RPDC propõe a EUA retomada de diálogo

Presidente Fundadora da Confederação das Mulheres do Brasil Rosanita Campos, atual vice-presidente do Partido Pátria Livre (PPL) esclarece disposição da República Popular Democrática da Coreia (RPDC) em garantir a paz

A República Popular Democrática da Coreia – RPDC, prosseguindo sua estratégia de negociação para a paz, propôs aos EUA a retomada do diálogo entre os dois países com o objetivo de reduzir as tensões na Península Coreana. O governo da Coreia Popular propôs inclusive que fosse considerada sua proposta de assinatura de paz definitiva para finalizar de vez a guerra da Coreia (1950-1953) apenas interrompida entre os dois países com a assinatura do armistício.

O Comitê de Defesa Nacional da RPDC presidido por Kim Jong Un propôs “Conversações de alto nível entre o Norte e os EUA para garantir a paz e a segurança na região”. O documento foi divulgado pela agência de notícias KCNA.

Os EUA ao contrário de se disporem a sentar-se a mesa de negociação responderam que “poderão dialogar sempre que as intenções forem sinceras. Julgaremos os fatos não as declarações” afirmou ao canal CBS Denis McDonough, Secretária Geral da Casa Branca.

O porta-voz do Comitê de Defesa Nacional da RPDC declarou que “O governo dos EUA fala como se toda a evolução da situação dependesse de nossa opção. De mal a pior, induz a opinião pública a erro e engana o mundo como se a RPDC fosse responsável pela exacerbação da situação na Península Coreana. A esta campanha se soma as atuais autoridades sul-coreanas acostumadas ao servilismo às grandes potências e outras forças satélites.

“Damos a conhecer outra vez que os EUA são exatamente os autores dessa exacerbação que vem acontecendo de século em século, de década em década na Península Coreana. Os EUA desataram a guerra de agressão a esta península na década de 1950 do século passado e destruíram sistematicamente o Acordo de Armistício da Coreia durante os 60 anos pós-bélicos. Ao entrar na década de 2010 do novo século voltam a manobrar.

“Desde dezembro do ano passado qualificou nosso legítimo e justo lançamento de satélite como disparo de míssil de longo alcance e nossas medidas militares de autodefesa, tomadas frente às suas abertas manobras agressivas, como uma



“provocação”. Desta maneira pôs a nu sua natureza de provocador mais cínico e agressor mais bandidesco.

“As resoluções de “sanção” inventadas e instigadas pelos EUA e todos os seus atos hostis mais sinistros contra a RPDC constituem grave e intolerável provocação contra nosso exército e povo.

“Paciência tem limite, razão pela qual os EUA não devem aferrar-se em enganar a opinião pública e ao mundo falando tanto de inexistentes “ameaças” e “provocações”. Seria muito absurdo os EUA pensarem que tais atrocidades poderiam convencer as pessoas nesse mundo.

“Voltamos a esclarecer ao interior e exterior do país que nosso exército e povo têm a invariável vontade e decisão de desnuclearizar a Península Coreana. A desnuclearização da Península Coreana é legado do Presidente Kim Il Sung, do dirigente Kim Jong Il e a tarefa política a ser cumprida por nosso partido, Estado, militares e civis. A desnuclearização da Península Coreana não é a desnuclearização apenas para a “renúncia nuclear do Norte”, mas de toda a extensão da Península Coreana inclusive o sul da Coreia e tem a meta de acabar completamente com a ameaça nuclear anti-RPDC dos EUA.

“Quanto à posse de armas nucleares pela RPDC isto é uma opção auto defen-

siva e estratégica para a desnuclearização da Península Coreana. A digna posição da RPDC como um país com armas nucleares se manterá com firmeza até quando se alcance a desnuclearização de toda a Península Coreana e desapareça por completo a ameaça nuclear das forças estrangeiras independentemente de que alguém o reconheça ou não. Pois para abrir uma conjuntura de diálogo os EUA devem deixar primeiro a ameaça e a chantagem nuclear anti-RPDC assim como as provocações de toda índole, inclusive a “sanção”, antes de demandar-nos demonstrar sinceridade na vontade de desnuclearização.

“Propomos sustentar as conversações de alto nível entre as autoridades dos EUA e da RPDC para eliminar a tensão na Península Coreana e preservar a paz e a segurança da região”.

“Nessa reunião poder-se-ia discutir com sinceridade e profundidade vários temas desejados por ambas as partes, entre outros, o alívio da tensão militar, a substituição do sistema de armistício pelo de paz e a “construção do mundo livre de armas nucleares” apresentada pelos EUA. Se os EUA desejam verdadeiramente e “um mundo livre de armas nucleares” e o alívio da tensão, devem responder à nossa decisão magnânima e de boa vontade sem perder esta oportunidade”.

**CADA VEZ MAIS, O LUGAR
DA MULHER É EM CASA.**

CONSTRUINDO A CASA.



A Construção Civil está cada vez mais aberta para as mulheres. Empresários do setor percebem as trabalhadoras como mais caprichosas, cuidadosas, estudiosas e organizadas que os homens. Por isso, o número de contratadas cresceu mais de 50% nos últimos três anos. Aproveite.

**Venha fazer parte do setor
que mais emprega no país.**

CBIC
Associação Brasileira de Indústria da Construção

www.cbic.org.br



sem suas limitações.

Da Alfabetização à Universidade Conquistando Mais Igualdade

MULHER

Idealização e Realização:



Confederação das Mulheres do Brasil

Apoio:

Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres

Parceria:



Ministério
da Educação

